



Pedro Bianchini Barata

A evolução espiritual de Malcolm X

Monografia apresentada à Graduação em História da Puc-Rio como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura e bacharel em História.

Orientador: Prof. Romulo Costa Mattos

Rio de Janeiro

Julho de 2023

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer a *Allah* senhor dos céus e das terras, pelas infinitas bênçãos que ele concedeu, concede e concederá; pela vida e saúde que me deu; por ter me orientado e iluminado diante dos obstáculos da vida mundana; e principalmente por ter enviado a sua mensagem através do Profeta Muhammad¹ ﷺ. Todo louvor e glória são devidos a Ele, que é nosso objetivo e destino final. Sou eternamente grato por sua misericórdia e graça abrangentes.

Agradeço à toda a minha família, em especial a minha mãe Claudia, minha irmã Mariana e meu pai Bruno, por estarem do meu lado e por terem sempre me dado amor e carinho.

Também sou grato a todos meus amigos e demais colegas da faculdade por terem sempre acreditado em mim e me incentivado durante a pesquisa, assim como aos meus irmãos e irmãs do *Islam*, por me ajudarem a manter forte na religião e por compartilharem comigo a mesma paixão. Um fraterno abraço a todos os muçulmanos e muçulmanas espalhados pelo mundo, em especial aqueles que frequentam a Mesquita da Luz, no Rio de Janeiro.

Gostaria de agradecer ainda ao professor e orientador Romulo Costa Mattos por ter me acompanhado e auxiliado nessa jornada; pelas diversas conversas que tivemos; pelo seu tempo e trabalho dedicado ao projeto, e pela confiança em mim e no meu tema.

Por fim, não poderia deixar de registrar minha gratidão a todos os professores e funcionários da PUC-Rio, em especial os do Departamento de História, pelos ensinamentos e dedicação ao longo desses anos.

Este trabalho não estaria completo sem o amor e o apoio de cada um de vocês, e sou eternamente devedor de todos que me influenciaram, encorajaram e apoiaram desde o início da minha jornada até este ponto.

¹ Uma bênção comumente usada pelos muçulmanos depois de mencionar o nome do profeta do Islam, Muhammad. É traduzida em português como "Que Allah o honre e lhe conceda a paz" ou "Que a paz e as bênçãos de Allah estejam sobre ele". Será utilizado sempre que seu nome for mencionado.

Resumo:

Malcolm Little tornou-se mundialmente conhecido como Malcom X, principalmente por conta de sua militância no grupo *Nation of Islam*, um movimento nacionalista negro que defendia essencialmente a natureza demoníaca do homem branco e a natureza primordial do homem negro, e que tinha como fundamento maior o separatismo. Esse grupo entendia que o *Islam* era a verdadeira religião do homem negro por ser uma religião livre do racismo, e que o cristianismo era a religião opressora do homem branco, imposta pelos europeus. Todavia, apesar de empregarem o termo *Islam* e se denominarem muçulmanos, o grupo em verdade nada tinha a ver com o *Islam* tradicional. O que poucos sabem é que nos seus últimos anos de vida Malcolm X rompeu com o grupo e, após fazer a peregrinação a Meca, se converteu e passou a pregar o *Islam* ortodoxo. Nessa pesquisa, procuro me debruçar sobre a sua conversão ao *Islam* e compreender de que forma essa religião passou a influenciar sua nova missão de vida, buscando entender a relação do *Islam* com a história negra; o *Islam* na África Ocidental; o *Islam* nas Américas trazidos pelos escravizados; e os movimentos proto-islâmicos do século XX.

Palavras-chave: Malcolm X, *Islam*, *Nation of Islam*, conversão, peregrinação, Meca.

Abstract:

Malcolm Little became known worldwide as Malcolm X, primarily because of his membership in the Nation of Islam, a black nationalist movement that essentially advocated the demonic nature of the white man and the primordial nature of the black man, and which had separatism as its main foundation. This group understood that Islam was the true religion of the black man for being a religion free of racism and that Christianity was the oppressive religion of the white man, imposed by Europeans. However, despite employing the term Islam and calling themselves Muslims, the group had nothing to do with traditional Islam. What few know is that in his last years of life, Malcolm X broke with the group and, after making the pilgrimage to Mecca, converted and began to preach orthodox Islam. In this research, I try to focus on his conversion to Islam and understand how this religion came to influence his new mission of life, seeking to understand the relationship of Islam with black history; Islam in West Africa; Islam in the Americas brought by enslaved; and the proto-Islamic movements of the 20th century.

Key-words: Malcolm X, Islam, Nation of Islam, conversion, pilgrimage.

Sumário

Introdução	7
Capítulo 1. O Islam enquanto modelo para os movimentos nacionalistas negros	21
1.1 O Islam na África	24
1.2 As incompatibilidades entre o Islam e a NOI	28
Capítulo 2. De Malcolm X para el-Hajj Malik el-Shabazz	35
2.1 Malcolm X vai a Meca	39
Considerações Finais	47
Bibliografia	49

وَوَجَدَكَ ضَالًّا فَهَدَىٰ

(93:7)²

بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ³

² O *Quran* Sagrado (93:7) “E ele (*Allah*) não te encontrou descaminhado e te guiou?”

³ “Em nome de Deus, o Clemente e Misericordioso”

Introdução

Malcolm Little, também conhecido como Malcolm X e el-Hajj Malik el-Shabazz, foi um dos personagens mais interessantes e controversos do século XX, sobretudo no que diz respeito à luta contra o racismo. Nascido em 1925 na cidade de Omaha, Nebraska, Malcolm vivenciou desde cedo a realidade da segregação racial e da violência praticada pela população branca contra a comunidade negra. Apesar de conhecido principalmente pela sua atuação e militância no grupo proto-islâmico, *Nation of Islam* (NOI) - grupo nacionalista negro que pregava a segregação entre brancos e negros – Malcolm, em seus estágios finais de vida se converteu ao *Islam* sunita ortodoxo, o que o fez criticar seu passado enquanto voz ativa da NOI e repensar os seus ideais acerca do seu entendimento sobre o *Islam* e sobre os conflitos raciais.

De personalidade complexa, sua vida foi quase sempre marcada pela contradição. Desde a infância até sua morte, Malcolm passou por diversas fases e precisou se adequar a cada uma delas. Ao revisitar seus erros do passado sob um olhar crítico, muitas vezes penitenciando-se, ia assim moldando sua identidade, sendo impossível tentar compreendê-la como algo estático ou homogêneo. Sua trajetória, até o fim, foi marcada por quedas e superações, ameaças, afetos, vitórias e derrotas. Desse modo, a parte introdutória da presente monografia buscou compreender a trajetória biográfica de Malcolm X a partir de duas importantes publicações: a *Autobiografia de Malcolm X*, por Alex Haley⁴ e especialmente a obra *Malcolm X – Uma vida de reinvenções*, de Manning Marable⁵. Apesar do sucesso que foi a publicação da autobiografia, diversos autores, como Manning Marable, consideram que Haley alterou e retirou, propositadamente, trechos do livro para ficar mais condizente com a sua intenção política. Neste sentido, enquanto a obra de Haley oferece aspectos privados e relatos psicológicos de quem foi Malcolm X, a obra de Marable enfatizou os aspectos políticos, sociais e históricos da trajetória de Malcolm X sem nenhum tipo de romantização⁶. É justamente pelo fato da obra

⁴ HALEY, Alex. *Autobiografia de Malcolm X*, São Paulo: Record, 1992

⁵ MARABLE, Manning. *Malcolm X – Uma vida de reinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

⁶ MACEDO, Marcio. Malcolm X: Uma vida de reinvenções (Resenha). São Paulo: *Sankofa*, v. Ano IV, p. 143-150, 2011.

de Marable fornecer o melhor relato da evolução das ideias de Malcolm, que a utilizamos amplamente neste trabalho.

Malcolm esteve em contato com movimentos revolucionários e ativistas em prol da população negra norte-americana desde a sua infância. Seus pais, Louise Helen Little e Earl Little, eram grandes admiradores do ativista panafricano Marcus Garvey, e juntos fizeram parte da *Universal Negro Improvement Association* (UNIA), em Montreal, Canadá. Para Garvey, a separação racial era essencial para o progresso dos negros espalhados pelo mundo. Sobre isso, Manning Marable diz que “os descendentes de africanos faziam parte de uma nação transnacional, uma raça global com um destino comum.”⁷. Muito da retórica argumentativa que Malcolm desenvolveu tem influência do *Garveyismo*, quando ainda em sua infância era instruído em casa com seus irmãos sobre a situação do negro na África, no Caribe e nos Estados Unidos⁸, e quando acompanhava seu pai em viagens pelo País para reuniões da UNIA.⁹ Refletindo sobre o aspecto central da luta de Garvey, Manning se refere ao movimento enquanto um grupo que tinha como principal objetivo a liberdade política do continente africano e as colônias habitadas pelos negros. “O que Garvey reconheceu foi que o Velho e o Novo Mundo estavam inextricavelmente ligados: negros no Caribe e nos Estados Unidos jamais seriam livres enquanto a própria África não fosse libertada.”¹⁰

Por volta de 1921, após o casal Little passar quase dois anos na Filadélfia advogando pela causa de Garvey, decidiram se mudar para Omaha, Nebraska, para expandir os ideais da UNIA. Foi justamente nessa época que houve um renascimento da Ku Klux Klan (KKK) no interior dos Estados Unidos, que tinha como alvos grupos não caucasianos e protestantes, ou seja, negros, judeus, católicos e asiáticos.¹¹ Contudo, apesar da população negra ser um dos principais alvos da KKK, isso não impediu Garvey de se relacionar com o grupo. O panafricanista entendia que a presença política acentuada da organização, tanto no Partido Democrata quanto no Republicano, era importante demais para ser ignorada,

⁷ MARABLE, op. cit., p.29

⁸ *Ibidem* p.41

⁹ *Ibidem* p.38-39

¹⁰ *Ibidem*. p.29

¹¹ *Ibidem*. p.31

chegado a afirmar que a KKK eram o rosto e a alma dos Estados Unidos branco.¹² Apesar do encontro de Garvey com o líder da Klan, Edward Young Clarke, ter afastado diversos membros da UNIA, os Little continuavam fortes na causa racial, e em 1925, quando Earl viaja a serviço da UNIA, integrantes da Ku Klux Klan foram até a sua casa e avisaram a Louise, então grávida de Malcolm, para tirar sua família da cidade, porque seu marido estava causando problemas na comunidade negra com a pregação "de volta à África" da UNIA¹³. Foi durante esse período de intensa insegurança que, no dia 19 de maio de 1925, nasceu Malcolm Little, no Hospital da Universidade de Omaha.

As constantes ameaças da KKK em Omaha contra os membros da UNIA fizeram com que o casal saísse de Nebraska para a cidade de Milwaukee, em Wisconsin, um importante polo cultural e econômico para a comunidade negra. Após um período em Milwaukee, a família Little teve uma curta estadia em East Chicago, Indiana - um lugar tomado pela KKK - para finalmente se estabelecer em Lansing, Michigan, em 1929. Apesar das constantes mudanças de Estado para Estado e Cidade para Cidade, os Little ainda sofriam com as leis raciais e ameaças dos brancos, tanto assim que no dia 8 de novembro daquele ano a casa da família foi destruída num incêndio criminoso. No entanto, a primeira hipótese levantada pela polícia racista da Cidade foi de que Earl havia ateado fogo na própria casa para receber o dinheiro do seguro. Apesar de não haver provas sobre a participação de Earl no incêndio, a polícia estava convencida dessa tese e chegou a prendê-lo para a investigação. A promotoria logo concluiu que não havia provas necessárias e declarou Little inocente, mas os verdadeiros responsáveis nunca foram encontrados.

Foi durante a Grande Depressão, na década de 1930, que a vida da família Little iria mudar para sempre. Em 1931, o corpo de Earl foi achado sobre os trilhos de um bonde municipal. A polícia declarou que a sua morte fora um acidente, mas os boatos que corriam por Lansing diziam que Earl havia sido vítima de um crime cometido pela *Black Legion*, um grupo supremacista terrorista branco que atuava no Centro-Oeste dos Estados Unidos. Em 1939, ainda abalada com a morte do marido, Louise foi internada, por ser considerada uma pessoa insana que exigia cuidados e tratamentos adequados. A família foi assim desmantelada e Malcolm e

¹² *Ibidem.* p.31

¹³ *Ibidem.* p.33

seus irmãos foram separados e colocados em lares adotivos. Após passar pela casa adotiva da família Gohanna e depois pelo *County Juvenile Home*, centro de reabilitação juvenil, Malcolm foi convidado pela sua meia-irmã, Ella Little-Collins, a morar com ela em Roxbury, então o centro da cultura negra em Boston.

Acostumado com a vida no interior e em cidades pacatas, Malcolm ficou impressionado com a vida noturna, os clubes de jazz e os casais interracializados andando livremente nas ruas, mostrando a multiplicidade étnica em Boston. Foi em Roxbury que ele conheceu Shorty, que lhe apresentou o submundo do gueto e ensinou-o todos os tipos de atividade ilícita. Dissertando sobre o seu período em Boston, Marable diz que “Sem guia ou mentor, Malcolm criou sua própria versão de comportamento adulto, aprendendo a apresentar-se como mais velho, mais sóbrio, mais cheio de sabedoria mundana do que realmente era”¹⁴. A atração de Malcolm por esse estilo de vida causava atrito na sua relação com Ella, e para acalmar sua irmã ele procurou empregos temporários. Aos dezesseis anos, Malcolm arrumou um emprego na linha ferroviária que fazia o trajeto New York-Boston e pôde assim conhecer o lendário bairro do Harlem, conhecido como o epicentro da cultura negra norte americana desde os anos 1920 e “a capital da diáspora negra, animado centro de um florescimento extraordinário da literatura, do teatro, da dança e das artes, período que ficaria conhecido como Renascimento do Harlem”¹⁵. O fascínio de Malcolm por Boston não se comparava à atração que ele sentiu por New York, e não demorou para que se estabelecesse no Harlem. Mas a vida no submundo o acompanhou em New York e logo se envolveu na venda e uso de drogas, jogos de azar, extorsão, roubo e exploração da prostituição. No final de 1945, Malcolm retornou a Boston, onde ele e sua quadrilha – dentre eles Shorty e três mulheres brancas, com uma das quais ele mantinha relacionamento - cometeram uma série de assaltos a casas de famílias ricas. Em 1946, Malcolm Little foi detido enquanto recolhia um relógio roubado que tinha deixado numa loja para conserto, e em fevereiro começou a cumprir uma pena de dez anos na prisão estadual de Charlestown por furto e arrombamento. Dois anos depois, foi transferido para a Colônia Penal de Norfolk, em Massachusetts, onde a sua vida mudou para sempre. Os primeiros momentos em Charlestown foram muito complicados para Malcolm,

¹⁴ *Ibidem.* p.55

¹⁵ *Ibidem.* p.67

que tinha acessos de raiva frequentes, nos quais seus principais alvos eram Deus e a religião. Seus constantes ataques e xingamentos a tudo que fosse religioso fizeram com que recebesse de outros presidiários o apelido de “Satã”¹⁶. Além disso, o isolamento carcerário não o impediu de manter o vício das drogas, que continuou com o uso de substâncias como a noz-moscada¹⁷. Até então, seu período na cadeia não havia sido utilizado para refletir sobre o seu passado e as consequências que esse estilo de vida traria para ele. No entanto, tudo mudou ao conhecer um presidiário chamado John Elton Bembry, um homem com elevada capacidade intelectual e que o convenceu a refletir sobre a sua vida e a ampliar o seu conhecimento. Discutindo sobre o papel de Bembry na vida de Malcolm, Manning diz:

Foi o primeiro homem negro que Malcolm conheceu na prisão (e possivelmente fora da prisão também) que parecia conhecer todos os assuntos, e tinha habilidade verbal para manter praticamente qualquer conversa.¹⁸

A partir desse momento, Malcolm passou a ser um assíduo frequentador da pequena biblioteca da cadeia, dedicando-se principalmente ao estudo da linguística e etimologia. “Seguindo o conselho de Bembry, começou a estudar um dicionário, memorizando as definições de palavras, tanto as de uso corrente como as de significado obscuro”¹⁹. Em janeiro de 1947, Malcolm foi transferido para o Reformatório de Massachusetts em Concord, onde ele e sua meia-irmã, Ella, começam uma campanha para que fosse transferido para a Colônia Penal de Norfolk, que era modelo de reforma correcional e reabilitação. Malcolm ficou no Reformatório de Concord por apenas quinze meses, quando finalmente foi transferido para Colônia Penal de Norfolk, em março de 1948. Enquanto ainda estava em Concord, Malcolm recebeu uma carta de um de seus irmãos, Philbert, dizendo que ele e sua família tinham se convertido à “religião natural do homem preto”, a “*Nation of Islam*”²⁰. Essa havia sido uma primeira tentativa da família de

¹⁶ *Ibidem.* p.87

¹⁷ *Ibidem.* p.87

¹⁸ *Ibidem.* p.88

¹⁹ *Ibidem.* p.90

²⁰ Os membros da *Nation of Islam* (NOI) eram chamados de “*black muslims*” (muçulmanos negros). Esse termo foi utilizado pela primeira vez e ganhou destaque a partir do livro “*The Black Muslims in America*” do professor de Religião e Cultura da Universidade de Duke, C. Eric Lincoln. Embora outros trabalhos acadêmicos sobre a NOI o precedessem, o estudo de Lincoln ajudou a estabelecer a NOI aos olhos do *mainstream* como uma sociedade digna de investigação séria. Embora Malcolm

induzir Malcolm a uma possível conversão, e após uma resposta negativa, seu outro irmão, Reginald, enviou uma carta dizendo que ele iria mostrar um jeito de Malcolm sair da cadeia e que ele deveria parar de comer carne de porco e de fumar.²¹

Quando foi transferido para a Colônia Penal de Norfolk, Malcolm continuou com seu hábito de leitura e sua disciplina fazia com que ele participasse com empenho das atividades do presídio. Mas a semente da religião havia sido plantada na cabeça de Malcolm pela conversão de sua família e pela correspondência de Reginald, que foi logo visitá-lo. Durante a conversa, Reginald explicou o que era a “religião natural do homem preto”, dizendo que *Allah* era um homem de nome Wallace Fard Muhammad e que tinha revelado sua mensagem a um afro-americano chamado Elijah, enfatizando a natureza demoníaca do homem branco e a divindade do homem negro. Tudo aquilo ecoou fortemente em Malcolm, sobretudo quando passou a lembrar das suas desagradáveis experiências com as pessoas brancas, e aquela mensagem não era mesmo estranha à família Little, mas um discurso “de separatismo negro, autoconfiança negra, e uma divindade negra que lhe fez lembrar, instantaneamente, os sermões *garveyistas* do pai, Earl Little”.²²

A irmã mais velha de Malcolm, Hilda, foi outra importante influência para trazê-lo para a *Nation of Islam*. Ao visitá-lo na prisão, ela o ensinou sobre a narrativa histórica alternativa da NOI, na qual o homem negro é o homem original/primordial, e que o homem branco, o demônio, teria sido criado por um perverso cientista chamado Yacub²³. Além disso, ela insistiu para que ele escrevesse para o líder da NOI, Elijah Muhammad. Refletindo sobre o efeito que essa mensagem causou em Malcolm, Manning diz:

“A mensagem nacionalista negra de orgulho racial, repúdio à integração e autossuficiência reacendeu fortes vínculos com a fé que movera seus pais. A condenação de todas as instituições brancas pela NOI, especialmente o cristianismo também combinava com sua experiência. (...) Para Malcolm, a atração era

X e outros membros da NOI se opusessem vigorosamente ao apelido, rapidamente se tornou a linguagem comum da mídia para descrever os membros da nação.

²¹ HALEY, op. cit., p.156

²² MARABLE, op. cit., p.93

²³ Para compreender melhor a doutrina da NOI, ver o livro “*Message to the blackman in America*”, escrito pelo líder da seita Elijah Muhammad. Nele, são tratados aspectos centrais do grupo que vão desde sua cosmologia e escatologia.

mais secular: a Nação do Islã oferecia a oportunidade de sentir autorrespeito e até mesmo dignidade como homem negro.²⁴

É importante destacar que grupos como a NOI eram parte do contexto da Grande Migração, quando mais de 6 milhões de afro-americanos do Sul dos Estados Unidos migraram para o Nordeste, Centro-Oeste e Oeste, fugindo das más condições econômicas e da segregação racial que prevalecia no Sul. O Norte representava uma oportunidade de recomeço, um lugar mais próspero e acolhedor, porém não era essa a realidade que os negros encontravam. Aqueles que saíam do Sul para o Norte iam geralmente para grandes cidades, como Detroit, sofriam com o choque cultural, com o desemprego e a segregação que lá também existiam. Por conta disso, desenvolveram-se nessas cidades grupos nacionalistas pretos que tinham o objetivo acolher os negros sulistas, especialmente organismos de cunho religioso e espiritual que colocavam o *Islam* como solução para o fim do racismo nos EUA e a elevação do povo afro-americano.

Malcolm Little, como era conhecido até então, encontrou os ensinamentos da *Nation of Islam* na prisão, onde adotou o sobrenome “X” para simbolizar seu ancestral africano desconhecido, e descartava o nome Little, dado pelos senhores de escravizados. Nesse contexto, é importante destacar que essa estratégia de mudança ou manutenção do nome já era uma prática comum entre os muçulmanos escravizados. Richard Brent Turner, em *Islam in the African-American experience*²⁵, entende que essa era uma forma de significação entre os muçulmanos escravizados e que mais tarde foi adotada por grupos proto-islâmicos como a *Nation of Islam* e o *Moorish Science Temple*. Ou seja, preservar ou adotar nomes, roupas, práticas religiosas e identidades étnicas servia de modelo para resistir à escravidão e mais tarde à segregação racial do século XX. Sobre isso ele diz:

*“In America, a black person preserved his or her Muslim name or took a new Muslim name to maintain or reclaim African cultural roots or to negate the power and meaning of the European name.”*²⁶

²⁴ *Ibidem*. p.94

²⁵ TURNER, Richard. Brent Turner. *Islam in the African-American experience*. Indiana University Press, 1997.

²⁶ *Ibidem*. p.4 Tradução livre: "Na América, uma pessoa negra preservou seu nome muçulmano ou tomou um novo nome muçulmano para manter ou recuperar as raízes culturais africanas ou para negar o poder e o significado do nome europeu."

Depois da liberdade condicional de Malcolm X, em 1952, ele se tornou um dos líderes mais influentes da organização, defendendo o empoderamento dos negros e a separação dos americanos negros e brancos de forma radical. No início de sua campanha como defensor da NOI, Malcolm X criticava Martin Luther King Jr. e o movimento de direitos civis por sua crença na não-violência e na integração racial. Todavia, na década de 1960, passou a se desiludir com a *Nation of Islam* e com seu líder, Elijah Muhammad, por divergências políticas e morais. A partir desse momento, Malcolm entendeu que a NOI deveria se juntar aos grupos ativistas pelos direitos civis, o que foi rechaçado pelo líder Elijah por entender que a NOI era um grupo religioso e não político. Além disso, a relação piorou muito após a descoberta de Malcolm acerca das relações extraconjugais que Elijah mantinha com secretárias da NOI²⁷, uma transgressão gravíssima dentro das normas e princípios defendidos pelo grupo. E se deteriorou de vez após a morte do então presidente John F. Kennedy, que levou Malcolm a dizer que as galinhas voltando para o poleiro sempre o alegravam. A frase gerou grande comoção entre a população Americana e o próprio Elijah proibiu Malcolm de falar em nome do grupo, por entender que o presidente Kennedy era muito querido por todos os americanos, e pouco tempo depois, ele foi desligado da seita. Após a sua saída, Malcolm, que já havia tido contato com alguns muçulmanos ortodoxos, passou a encontrá-los cada vez mais e, e em 1964, acabou viajando para Arábia Saudita, com o objetivo de conhecer Meca e fazer o *Hajj*, a peregrinação obrigatória para os muçulmanos.

Foi em Meca que Malcolm mudou sua percepção sobre o *Islam*, a vida e os problemas raciais. O encontro com o verdadeiro *Islam* mostrou a ele muçulmanos de todas as raças e etnias louvando *Allah*, algo muito diferente daquilo que encontrara na NOI. Após a peregrinação, Malcolm X mudou seu nome para el-Hajj Malik el-Shabazz e viajou para o Egito, Etiópia, Nigéria, Gana, Guiné, Sudão, Senegal, Libéria, Argélia e Marrocos. A experiência de Malcolm em Meca, que já o havia feito repensar toda sua trajetória passada na NOI, foi ainda mais reforçada após a visita ao continente africano. A partir daí, Malcolm se tornou um grande divulgador do *Islam*, acreditando que a devoção sincera à religião seria capaz de solucionar o grave problema do racismo. Suas cartas enviadas durante a viagem ao

²⁷ Para compreender a trajetória de Elijah Muhammad ver o livro de Karl Evanzz “*The messenger: the rise and fall of Elijah Muhammad*”

Oriente Médio e ao continente Africano, assim como as falas em entrevistas e discursos após sua volta ao Estados Unidos, são importantes evidências da sua mudança de pensamento acerca do combate ao racismo e do *Islam*.

Como já observado, ao longo de 1964, o conflito de Malcolm X com a NOI se intensificou bastante, a ponto de ele ser constantemente ameaçado de morte. A pressão em cima de Malcolm era tão grande que ele afirmou em mais de uma oportunidade que sabia que iria morrer. No 18 de fevereiro de 1965, Malcolm X relatou em uma entrevista que era um "homem marcado", referindo-se a seus laços cortados com a *Nation of Islam* e como isso acabaria por ser a razão de sua morte²⁸. Um dia depois, em uma entrevista com Gordon Parks, fotógrafo-autor que Malcolm X admirava e respeitava, ele disse que a NOI estava ativamente tentando matá-lo. As ameaças não foram em vão, e no dia 21 de fevereiro de 1965, enquanto estava se preparando para falar sobre a *Organization of Afro-American Unity* (OAAU), no Audubon Ballroom no bairro de Washington Heights, Malcolm X foi baleado diversas vezes e morreu. Um dos atiradores, membro da NOI, Talmadge Hayer, também conhecido como Thomas Hagan, foi espancado pela multidão antes da polícia chegar. Além dele, Muhammad Abdul Aziz e Khalil Islam - conhecidos anteriormente como, respectivamente, Norman 3X Butler e Thomas 15X Johnson – também foram julgados por homicídio e condenados à prisão perpétua. Durante décadas após a morte do ativista, perguntas continuaram a serem feitas sobre quem teriam sido os responsáveis e os mandantes do assassinato. Em 2020, o documentário “*Who Killed Malcolm X?*”²⁹, dirigido por Rachel Dretzin e Phil Bertelsen, buscou explorar o assassinato lançando novos olhares sobre o caso. O filme seguiu o trabalho do historiador Abdur-Rahman Muhammad, que há mais de 30 anos investiga o assassinato de Malcolm X, e investiga as alegações feitas durante os depoimentos de Hayer, em 1977, em que ele confessa o crime, mas afirma que Butler e Johnson eram inocentes, e que os quatro homens que haviam participado do crime eram Benjamin Thomas, Leon Davis, William X, e um homem chamado Wilbur ou Kinly, todos da mesquita da NOI em Newark, New Jersey. Foi apenas com o lançamento da minissérie que houve uma nova revisão do assassinato

²⁸ “Eu vivo como um homem que já está morto”, disse Malcolm X em uma entrevista de duas horas no escritório no Harlem de sua *Organization for Afro-American Unity*.

²⁹ *WHO KILLED MALCOLM X?* Direção: Rachel Dretzin and Phil Bertelsen. Produção: Fusion. Estados Unidos: Netflix, 2020.

pelo escritório do Procurador do distrito de Manhattan, na qual depois de 20 anos foi descartada a condenação de Muhammad A. Aziz e Khalil Islam, e ambos receberam uma indenização total de 26 milhões de dólares pela cidade de Nova York e mais 10 milhões de dólares do Estado. Como Manning Marable diz: “No momento em que foi morto, grupos muito diferentes, incluindo trotskistas, nacionalistas culturais negros e muçulmanos sunitas, o reivindicavam para si.”³⁰

Ao finalizar os elementos principais que explicam a trajetória de Malcolm, se faz necessário abordar a teoria que embasará a análise do pensamento desse importante ativista negro. Para Roger Chartier³¹, a representação é uma prática social que envolve a produção de significados através de linguagens simbólicas, como a escrita, a imagem, o som e o gesto. Esses significados são construídos a partir da interação entre o criador da representação e o receptor, que atribui seus próprios sentidos a ela. O autor define o conceito de representação a partir de três realidades: as representações coletivas, as formas de exibição do ser social ou do poder político e a “presentificação” em um representante.³² A representação é, portanto, uma negociação de sentidos entre produtores e receptores, que é influenciada pelas condições históricas, culturais e sociais em que ela ocorre. Essa negociação pode ser conflituosa ou harmoniosa, dependendo das relações de poder entre os envolvidos. A análise da representação, segundo Chartier, é importante para entender as formas como as sociedades constroem seus valores, conhecimentos e identidades.

A verdade é que apesar de ser um dos mais importantes militantes na luta dos direitos civis, muito da sua vida ainda permanece obscura, principalmente no que diz respeito à sua trajetória no *Islam*. A falta de livros e trabalhos acadêmicos sobre a sua vida, e a sobre a relação intrínseca entre o *Islam* e a história negra, especialmente a afro-americana, acabou por gerar muitas vezes interpretações de senso comum e generalizadas. Nesse sentido, apesar da publicação de importantes trabalhos em português como a *Autobiografia de Malcolm X*, por Alex Haley, e *Malcolm X – Uma vida de reinvenções*, de Manning Marable, que trazem em

³⁰ MARABLE, op. cit., p.16

³¹ CHARTIER, Roger. *A história hoje: dúvidas, desafios, propostas*. Revista Estudos Históricos, v.7., n.13, p. 97-114, 1994.

³² CHARTIER, op. cit., p.108

detalhes aspectos pessoais e o cenário em que Malcolm estava inserido, essas obras pouco têm a oferecer no que diz respeito à relação entre o *Islam* e a história negra, algo que não pode ser ignorado dentro do processo que fez Malcolm se tornar um muçulmano ortodoxo.

Desse modo, o presente estudo tem como objeto compreender a trajetória de Malcolm X no *Islam* - que vai desde seu primeiro contato com a *Nation of Islam* na prisão à conversão ao *Islam* ortodoxo – e tem como objetivos analisar a relação entre o *Islam* e a história negra; o *Islam* na África Ocidental; o *Islam* nas Américas trazidos pelos escravizados; e os movimentos proto-islâmicos do século XX.

Ao contrário do que o pensamento socialmente estereotipado propõe, o *Islam* não é uma religião apenas dos árabes e não é alienígena no continente americano. Teóricos como Leo Weiner³³, em *Africa and the Discovery of America*, defendem a tese de que os primeiros a "descobrir" as Américas foram muçulmanos da África Ocidental, e não Colombo. Esteja a tese de Weiner correta ou não, o fato é que o maior contingente de muçulmanos foi introduzido no continente após 1492 com o tráfico transatlântico, sendo a segunda religião monoteísta a ser introduzida nas Américas. No entanto, os obstáculos impostos pelo regime de escravidão impediram que houvesse uma continuidade da prática do *Islam* passado das gerações dos escravizados para seus descendentes. Como Sylviane Diouf destaca: “*Islam brought by the enslaved West Africans has not survived. It has left traces; it has contributed to the culture and history of the continents; but its conscious practice is no more.*”³⁴ Na realidade, o que houve no século XX nos EUA foi o surgimento de grupos nacionalistas negros proto-islâmicos, que utilizavam elementos do *Islam* para propagarem suas seitas e filosofias. Esses grupos viam no *Islam* uma alternativa para via espiritual, pois o consideravam uma religião africana e livre do racismo, ao contrário do cristianismo.

Quanto ao debate historiográfico, é importante destacar o trabalho de Sylviane Diouf em *Servants of Allah: African Muslims enslaved in the Americas* e Richard Brent Turner em *Islam in the African-American experience*, na qual ambos

³³ WIENER, Leo. *Africa and the discovery of America*.

³⁴ DIOUF, Sylviane Anna. *Servants of Allah: African Muslims enslaved in the Americas, 15th anniversary edition*. New York University Press, 2020. p. 251. Tradução Livre: “O Islã trazido pelos escravizados africanos ocidentais não sobreviveu. Deixou vestígios; contribuiu para a cultura e a história dos continentes; mas sua prática consciente não existe mais.”

os autores tratam da experiência e da relação entre negros e o *Islam*. Enquanto Diouf busca compreender o desenvolvimento do *Islam* na África Ocidental e a vivência dos escravizados muçulmanos nas Américas ao longo de quatro séculos, Turner retoma de onde a história de Diouf parou, escrevendo essencialmente sobre o período de transição da história islâmica nas Américas e a formação de grupos proto-islâmicos do século XX.

Richard Turner, em *Islam in the African-American experience*, busca relacionar a experiência dos afro-americanos com o *Islam*. O principal conceito utilizado pelo autor é o de significação, através da questão do nome e da identidade entre os afro-americanos que se associavam ao *Islam*. A renomeação dos africanos por seus opressores foi um método de desumanização e subjugação. Nesse sentido, Turner defende que para esses grupos recuperarem ou criarem uma identidade cultural, seria necessário não apenas rejeitar os nomes impostos pelos seus mestres escravos ou escolhidos a partir de um repertório europeu, mas também criar nomes que significassem novas identidades. Ao escolher nomes muçulmanos, sejam eles muçulmanos ou não, Turner afirma que os afro-americanos fizeram uma declaração sobre sua identidade - política, cultural ou religiosa. O autor argumenta que a questão da significação corre ao longo da história do *Islam* entre os afro-americanos, remontando à costa oeste da África, passando pela *Nation of Islam* e outros grupos proto-islâmicos, e mais recentemente através das letras disseminadas pela cultura hip-hop. O livro é dividido em duas partes: “*Root Sources*,”³⁵ and “*Prophets of the City*.”³⁶ Na primeira parte, o autor traz à tona a rica cultura islâmica e seus impérios na África Ocidental, e também conta a história de diversos muçulmanos escravizados, que, apesar das dificuldades impostas pelo sistema de escravidão mantiveram nas Américas suas identidades religiosas e étnicas. Na parte final, “*Prophets of the City*”, Turner entende que foram a migração e a imigração no início do século XX que fizeram com que os afro-americanos tivessem olhos para o *Islam*. O autor também busca compreender a significação e identidade em grupos como o movimento panafricano de Marcus Garvey, o *Moorish Science Temple*, de Drew Ali, e a *Nation of Islam*, e traz em detalhes a trajetória de figuras-

³⁵ Tradução livre: “Fontes da Raiz”

³⁶ Tradução livre: “Profetas da cidade”

chaves para o desenvolvimento do *Islam* entre os afro-americanos, como Elijah Muhammad e Malcolm X.

Já em *Servants of Allah*, de Sylviane Diouf, o foco é principalmente a estruturação de sociedades muçulmanas na África Ocidental, e como milhares de escravizados muçulmanos tentavam manter suas práticas religiosas nas Américas. Nesse sentido, a autora pouco oferece no que diz respeito aos movimentos proto-islâmicos do século XX, sendo que seu principal interesse foi o esforço feito pelos escravizados para manterem suas práticas e identidades religiosas, assim como as estratégias por eles adotadas. Como já apontado anteriormente, Diouf argumenta que não houve uma continuidade na prática do *Islam* pelos escravizados para seus descendentes. Todavia, a autora compreende que, apesar de praticamente “extinto”, o *Islam* influenciou e foi incorporado a diversas outras manifestações culturais e religiosas, principalmente nas religiões negras sincréticas, como o Candomblé no Brasil, a Santeria em Cuba e o Voodoo no Haiti. Nesse sentido, não teria havido uma passagem do *Islam* trazido pelos muçulmanos escravizados para os grupos proto-islâmicos, entendendo a autora que seria extremamente difícil que os últimos muçulmanos africanos nas Américas tivessem reconhecido ou endossado esses movimentos proto-islâmicos.

“There is no documented continuity between the Islam brought by the African Muslims and the early twentieth-century movements that claimed to be Islamic. Neither Noble Drew Ali nor Elijah Muhammad mentioned that he was an heir to an Islamic tradition passed on by his parents or grandparents; in fact, Muhammad’s father, William, was a Baptist preacher.”³⁷

Olhando assim a trajetória de Malcolm X, parto da hipótese de que a significativa mudança no seu modo de pensar fazia parte de sua nova identidade religiosa, que interrelacionava o *Islam* com a luta pelos direitos civis. Nesse sentido, se fez necessário analisar as falas e discursos de Malcolm após a sua conversão, nas quais ele criticou o seu momento anterior enquanto porta-voz da NOI, e também compreender a importância da peregrinação nessa fase. Além disso, ao dialogar com a obra de Diouf e especialmente de Turner, entendo que o *Islam* serviu de

³⁷ DIOUF, op. cit., p.279 Tradução livre: “Não há continuidade documentada entre o Islã trazido pelos muçulmanos africanos e os movimentos do início do século XX que alegavam ser islâmicos. Nem o Noble Drew Ali nem Elijah Muhammad mencionaram que eles eram herdeiros de uma tradição islâmica transmitida por seus pais ou avós; na verdade, o pai de Muhammad, William, era um pregador batista”

modelo para grupos proto-islâmicos, pois era visto como uma religião africana e livre de racismo, ao contrário do Cristianismo, que era uma religião do homem branco europeu. Para defender essa ideia, busco compreender a relação entre o *Islam* e a África, especialmente na parte ocidental do continente; a riqueza econômica e cultural dos impérios muçulmanos na África Ocidental; a participação de personagens históricos negros na vida do profeta, e a interpretação das *surahs*; e, no capítulo final, compreender a transição espiritual de Malcolm com sua conversão ao Islam e sua nova identidade político-religiosa, ligando-a à luta pelos direitos civis.

Capítulo 1. O *Islam* enquanto modelo para os movimentos nacionalistas negros

O *Quran* é um livro que em momento nenhum menciona características humanas como a cor da pele ou a textura do cabelo, a não ser quando cita o nome de *Adam* (Adão), que em árabe significa “aquele que tem pele bronzeada” ou “marrom escuro”.³⁸ Talvez pela própria falta de menções à características físicas/fenotípicas no *Quran*, pouca atenção foi dada pelos estudiosos clássicos no que diz respeito da relação entre o *Islam* e a história negra. Apesar de poucos, importantes materiais foram publicados sobre o assunto como *Fakhr al-sūdān ‘ālā al-bīdān* (A Glória dos Negros sobre os Brancos), de Amr bin Bahr al-Jahiz (781-869 EC), *Tanwīr al-ghabash fī faḍl al-sūdān wa’l-ḥabash* (Iluminando as Trevas sobre a Virtude dos Negros e Etíopes), de Abd al-Rahman bin al-Jawzi (1116-1201 EC), *Raf’ sha’n al-ḥubshān* (Levantando a Posição dos Etíopes), *Azhār al-‘urūsh fī akhbār al-ḥubūsh* (As Flores do Trono Relativas a Informações sobre os Etíopes) e *Nuzhat al-‘umr fī al-tafḍīl bayn al-bīd wa’l-sūd wa’l-sumr* (O Passeio da Vida Sobre Proclamar os Méritos para Pessoas de Pele Clara, Pele Escura e Pele Marrom) de Jalal al-Din al-Suyuti (1445–1505 EC).

Dawud Walid, em *Blackness and Islam*³⁹ faz um excelente trabalho no que diz respeito ao que significava a ideia de “negritude” e de ser negro, e naquela época para os árabes. Como o autor bem indica, as noções modernas do conceito de raça são muito diferentes daquelas usadas pelos árabes pré-modernos. É importante destacar que quando preto (*Aswad*) era usado para descrever a cor de uma pessoa, poderia significar tanto a gama de marrons associados a um fenótipo africano, bem como uma cor para alguém que não tinha ligação com a África. Como Dawud Walid mostra, quando os primeiros árabes descreviam alguém como preto (*Aswad*) ou muito escuro (*Adam*), não significava necessariamente que eles eram africanos ou que eles tinham qualquer ascendência africana. Para os árabes pré-modernos e da geração do Profeta Muhammad ﷺ, os negros africanos seriam aqueles que eles tinham contatos diretos que vinham de países do Chifre da África, como Djibouti, Eritreia, Etiópia, Somália, mas também Egito e Sudão. Discorrendo sobre o contato existente entre os dois grupos, ele diz:

³⁸ Disponível em: <https://hawramani.com/adam-name/> Acesso em: 2 de junho 2023.

³⁹ WALID, Dawud. *Blackness and Islam*. Algorithm, 2021.

“The Blacks which the Arabs were most familiar with in terms of socio-political interactions were the Habashi (Abyssian) people and Nubians, as well as Qibti (Egyptian) people, many of whom looked phenotypically Nubian at that time”⁴⁰.

Além disso, para os árabes da época, *Ifriqiyyah* (África) estava resumida a países modernos como Argélia, Tunísia e Líbia, ou seja, eles não associavam negritude ao continente africano. Foi apenas com a expansão do *Islam* pelo continente que os árabes ficaram mais familiarizados com outros tipos de Africanos, como os negros da África Subsaariana que eram conhecidos como *Zanj*, termo utilizado para descrever aqueles do grupo etnolinguístico Bantu.⁴¹

A história negra no *Islam*, não começa com a expansão da religião no continente africano e sim com a própria revelação do *Quran*. Como Dawud Walid bem observa, o *Quran* é um livro daltônico no que diz respeito à cor dos personagens neles mencionados, ou seja, não há nenhuma menção a respeito da cor desses indivíduos.⁴² Assim como Walid, Mustafa Briggs, em *Beyond Bilal*⁴³, mostra que *Adam* (Adão), *Musa* (Moisés) e *Isa* (Jesus) são descritos ou pelo *Quran*, ou pelas *hadith* do Profeta Muhammad ﷺ, ou pelos mais proeminentes acadêmicos da tradição, como sendo negros. Briggs e Walid seguem apontando as relações entre o povo negro e o *Islam* ao citarem Luqman e Bilal. O primeiro refere-se a um escravizado chamado Luqman, ou Luqman, o Sábio possivelmente da África Oriental, que ganha a 31.º surah do *Quran* em sua homenagem. Apesar do *Quran* não afirmar se Luqman era um profeta ou não, muitos acreditam que ele é um profeta. Já Bilal bin Rabah nasceu em Meca, mas tinha ascendência da Abissínia, foi um dos mais confiáveis e leais *Sahabah* (companheiros) do Profeta, e é considerado o primeiro *mu'azzin* da história, ou seja, aquele que chamava as pessoas às suas orações. Bilal que na época era um escravizado, era constantemente torturado por ter abraçado o *Islam* e ter proclamado abertamente que era muçulmano.⁴⁴

⁴⁰ *Ibidem*. p.10 Tradução Livre: “Os negros com os quais os árabes estavam mais familiarizados em termos de interações sociopolíticas eram o povo Habashi (Abissínio) e Núbios, bem como o povo Qibti (Egípcio), muitos dos quais pareciam fenotipicamente núbios naquela época.”

⁴¹ *Ibidem*. p. 9-10

⁴² *Ibidem*. p. 16

⁴³ BRIGGS, Mustafa. *Beyond Bilal: Black History in Islam*. [S. l.]: Independently Published, 2022.

⁴⁴ WALID, op. cit., p.39

Além disso, o primeiro contato da religião com o continente africano também se deu durante a revelação do *Quran* ao Profeta Muhammad ﷺ, o que durou de 610 E.C a 632 E.C. Em 615 E.C, Muhammad ﷺ aconselhou alguns de seus primeiros discípulos, que estavam enfrentando perseguição pelos habitantes politeístas de Meca, a procurar refúgio através do Mar Vermelho em Axum, um antigo reino na Abissínia, atual Etiópia. Na tradição muçulmana, este evento é conhecido como a primeira Hégira, ou migração. Vinte e três muçulmanos migraram para a Abissínia, onde foram protegidos por seu rei, Armah An-Najāshī, que mais tarde se converteu ao *Islam*. É importante destacar que Bilal não foi o único *Sahaba* negro e muito menos o único negro na Arábia, pois havia naquela época diversos descendentes africanos em Meca e diversos Árabes que, sem o contorno moderno do conceito de raça, seriam considerados negros. Sobre isso Briggs diz:

*“However, when we look at the historical documentation, we see that the Prophet's Arabia was very different from how many would imagine it to be. Firstly, it was more ethnically diverse, with a large contingent of Africans living amongst the Arab populations, especially in the Prophet's Medina. Even amongst the Arabs, the people we visualise today when we say that word (the result of genetic mixing between pure-blooded Arabs and populations who came under Islamic dominion and gradually became Arabized such as Phoenicians, Levantines, Persians, Copts, and Amazigh) looked very different from those who existed in the time of the Prophet.”*⁴⁵

A respeito das companhias do profeta, Walid e Briggs chegam a citar personagens como Mihja'bin Salih; Umm Ayman; Fiddah al-Nūbīyya, Al-Aswad al-Habashi, Abu Ruwayhah Khalid al-Habashi, Khalid bin al-Hiwari al-Habashi, Mihjanah, Shuqran al-Habashi, Ubadah bin al-Samit e Zubayd al-Sulami.⁴⁶ Apesar de não se aprofundarem na vida de cada um desses homens e mulheres, os dois autores mostram que algumas das primeiras figuras da história islâmica eram não apenas de regiões como Núbia e Abissínia, mas também da Arábia, que tinham

⁴⁵ BRIGGS, op. cit., p.35 Tradução Livre: “No entanto, quando olhamos para a documentação histórica, vemos que a Arábia do Profeta era muito diferente de quantos imaginavam que fosse. Em primeiro lugar, era mais etnicamente diverso, com um grande contingente de africanos vivendo entre as populações árabes, especialmente na Medina do Profeta. Mesmo entre os árabes, as pessoas que visualizamos hoje quando dizemos essa palavra (o resultado da mistura genética entre árabes de sangue puro e populações que vieram sob domínio islâmico e gradualmente tornou-se arabizado como fenícios, levantinos, persas, coptas e berberes) parecia muito diferente daqueles que existiam no tempo do profeta.”

⁴⁶ WALID, op. cit., p.39-60

pele preta e marrom, na qual nos tempos contemporâneos seriam percebidos como negros, igual aos sudaneses, que são tanto árabes como negros. Refletindo sobre o papel e o objetivo de algumas obras já citadas, como *Tanwīr al-ghabash fī faḍl al-sūdān wa'l-ḥabash* (Iluminando as Trevas sobre a Virtude dos Negros e Etíopes), de Abd al-Rahman bin al-Jawzi, e *Rafʿ shaʿn al-ḥubshān* (Levantando a Posição dos Etíopes), de Jalal al-Din al-Suyuti, Briggs diz que: “Both of these works aimed to tackle anti-blackness by highlighting the centrality of black companions of the Prophet and the roles they played in the formation of the early Muslim community.”⁴⁷

1.1 O Islam na África

Como já apontado anteriormente, a África foi o primeiro lar do *Islam*. Após receber as primeiras revelações divinas, Muhmmad ﷺ tentava propagar o *Islam* em sua terra natal, Meca, mas enfrentava forte oposição de seus próprios parentes e da nobreza árabe que viam a ascensão do *Islam* como uma ameaça ao seu modo de vida e suas tradições. Os primeiros companheiros do Profeta sofriam com humilhações públicas e surras terríveis, algo que só iria mudar quando os membros das tribos Aws e Khazraj, da cidade vizinha de *Yathrib* (Medina), prometeram lealdade e apoio ao Profeta. Após a ajuda desses grupos, o Profeta fez a famosa *Hijra* ou migração para *Yathrib*, e estabeleceu a cidade como o novo centro da comunidade muçulmana. No entanto, como já observado, é importante destacar que a primeira Hégira não foi a migração profética para Medina, mas sim quando um grupo composto de onze homens e quatro mulheres – incluindo Ruqayyah, filha do Profeta Muhammad ﷺ, e seu marido Uthman - atravessaram o Mar Vermelho sob o conselho do próprio profeta, para buscar refúgio no antigo Império Africano Oriental de Axum, protegido pelo rei Armah An-Najāshī, que mais tarde se converteu ao *Islam*. Foi lá que os primeiros muçulmanos passaram a viver em paz, livres de qualquer opressão para praticar abertamente o *Islam*. Muitos desses muçulmanos retornaram a Medina em 628 EC, mas alguns se estabeleceram no continente africano, onde teriam construído a Masjid Aṣ-Ṣaḥābah, uma mesquita

⁴⁷ BRIGGS, op. cit., p.38 Tradução Livre: “Ambos os trabalhos tinham como objetivo combater a anti-negritude, destacando a centralidade dos companheiros negros do Profeta e os papéis que desempenharam na formação das primeiras comunidades muçulmanas.”

na cidade de Massawa, Eritreia, datada do início do século VII e que é considerada não apenas a mesquita mais antiga da África, como a primeira do mundo.

Por volta de 660 E.C, o *Islam* já havia se estabelecido no Norte da África a partir de guerras de expansão trazidas pelos árabes. Já na África Ocidental, ao contrário do que as interpretações orientalistas e racistas propõem, o *Islam* não se estabeleceu na região a partir do uso da espada, e sim pelo contato com mercadores, comerciantes, estudiosos e professores religiosos. Juntos, esses vários tipos de muçulmanos introduziram o *Islam* para diversos povos da África Ocidental, na qual seu estabelecimento se deu principalmente após a conversão de importantes clérigos⁴⁸. Como Thiago Mota bem aponta, o *Islam* na África Ocidental não se estabeleceu a partir da imposição e sim a partir do interesse autônomo da população da região, que passou a coexistir pacificamente com os praticantes das crenças tradicionais locais. Sobre isso ele diz:

“Se o norte da África foi conquistado militarmente no processo de expansão do império omíada, entre os séculos VII e VIII, a islamização ao sul do Saara foi marcado por conexões comerciais, ondas de migração e conversões religiosas autônomas da população autóctone”.⁴⁹

Antes da chegada do *Islam* na África Ocidental, o principal poder era o Império de Gana, que não deve ser confundido com o estado moderno de Gana. Naquele tempo, o Império de Gana estava situado em países atuais como Mali e Mauritânia, fazendo fronteira com o Império Takrur na atual Senegal.⁵⁰ As vastas reservas de ouro do Império de Gana atraíam comerciantes berberes e árabes que trocavam seda, armas e especiarias do oriente por metais valiosos. Consequentemente, essas trocas comerciais faziam com que muçulmanos do norte do continente também se estabelecessem no Império de Gana. Assim, se estabeleceu nessa região não apenas um fluxo de mercadorias, mas também um fluxo de conhecimento e informação. Briggs corrobora com a tese de Mota ao dizer que o *Islam* não se estabeleceu a partir do uso da espada, dizendo: “*The natives*

⁴⁸ MOTA, Thiago Henrique. *O Islã na África Atlântica: transformações no significado de comportamentos religiosos (séculos XVI-XVII)*. In: Lucilene Reginaldo e Roquinaldo Ferreira. (Org.). **África, margens e oceanos: perspectivas de História Social**. 1ed.Campinas: Editora UNICAMP, 2021. p.182

⁴⁹ *Ibidem*. p. 182

⁵⁰ BRIGGS, op. cit., p.71

would quickly come to view the new faith and Arabic language as a doorway to the newly discovered and rapidly globalising wider world”⁵¹. Estabelecido por volta do ano 300 EC, o Império de Gana se tornou um império muçulmano a partir do século XI, quando o rei se converteu ao *Islam* e continuou assim até o século XII, época em que o império entrou em declínio e se tornou uma parte do Império do Mali. O que aconteceu em Takrur foi similar ao que aconteceu no Império de Gana, quando o rei War-Jabbi se converteu ao *Islam* no século XI e adotou a lei da *Sharia*. Takrur, que era um reino Fulani, se estabeleceu no século IX no norte do Senegal, e foi conquistado pelo império do Mali no século XII. Mais tarde, no século XV, foi conquistado pelo Jolof, e retomado pelos Fulanis no século XVI, renomeando Fouta Toro. Nesse sentido, podemos ver que a força motriz por trás da expansão do Islam na parte ocidental do continente não foi a partir do imperialismo, *jihad* ou da imposição da conversão, mas sim pela relação tranquila entre uma elite local e comerciantes e estudiosos estrangeiros. Para melhor explicar essa questão, volto a citar Briggs, na passagem em que ele explica como funcionou essa relação:

*“If the traders were the ones who brought the religion in, the kings and nobility were the ones who established its presence in the region and served as its patrons. Following these two groups, it is the clerical class that developed and devoted themselves to teaching and proselytising across the region. They are the ones who truly changed the trajectory of the spread of the new faith”*⁵²

Dos impérios muçulmanos na África Ocidental, talvez o mais importante tenha sido o reino do Mali. Sua fundação enquanto reino remonta ao século IV, mas seu ápice econômico e cultural foi durante o reinado de Sundiata Keita, no século XIII, quando o império se estendia a regiões que hoje englobam Gâmbia, Guiné, Burkina Faso e Níger. Todavia, o que tornou o império do Mali conhecido pelo público geral foi o governante Mansa Musa, descrito pelo *Business Insider*, site de

⁵¹ BRIGGS, op. cit., p.72 Tradução Livre: “Os nativos rapidamente viriam a ver a nova fé e a língua árabe como uma porta de entrada para o mundo recém-descoberto e rapidamente globalizado.”

⁵² BRIGGS, op. cit., p. 79 Tradução Livre: “Se os comerciantes foram os que trouxeram a religião, os reis e a nobreza foram os que estabeleceram sua presença na região e serviram como seus patronos. Seguindo esses dois grupos, foi a classe clerical que se desenvolveu e se dedicou ao ensino e ao proselitismo em toda a região. Eles são os que realmente mudaram a trajetória da propagação da nova fé.”

notícias financeiras e de negócios, como o homem mais rico da história.⁵³ Foi justamente durante o reinado de Mansa Musa que o Império do Mali passou pela sua idade de ouro. Mansa Musa foi um dos primeiros muçulmanos verdadeiramente devotos a liderar o Império do Mali, e seguiu a tradição local de estabelecer o *Islam* como fé da nobreza, mas ao mesmo tempo mantinha as tradições religiosas locais e não forçava a conversão à população. Um dos eventos que demonstra a opulência do Império do Mali, e suas vastas reservas de ouro, foi o *Hajj* que Mansa Musa realizou entre 1324 e 1326, acompanhado de aproximadamente 60.000 homens e 12.000 escravizados. É importante destacar, que Mansa Musa não foi o primeiro rei do Império do Mali a realizar o *Hajj*, na realidade, ele foi o quinto imperador a fazer a peregrinação a Meca, sucedendo homens como Mansa Wali Yerelinkon, Mansa Abu Bakr Bata Manding Bori e Mansa Sakura. Durante a passagem de Mansa Musa pelo Egito ele distribuiu tantas esmolas em ouro e comprou tantas coisas que o valor do ouro no Egito desvalorizou por cerca de doze anos. O seu *Hajj* teve um impacto significativo no desenvolvimento do *Islam* no Mali e na percepção do Mali em toda a África e na Europa. Mais tarde, ele foi acompanhado de volta ao Mali com Abu Ishaq al-Sahil, poeta, acadêmico e arquiteto da Andaluzia que construiu o palácio Madugu para o rei e a Grande Mesquita de Timbuktu. Musa convidou estudiosos islâmicos de todo o mundo muçulmano para o seu império, assim como construiu mesquitas e universidades tal qual a Universidade de Sankore, que foi uma das maiores universidades de todos os tempos, tendo mais de 25.000 estudantes e uma biblioteca com mais de 700.000 manuscritos, tornando-se a maior biblioteca na África desde a Biblioteca de Alexandria.⁵⁴

Apesar do Império do Mali receber toda a fama, não foi um caso isolado. Outros impérios na África Ocidental merecem destaque nesse cenário, como Songhai, Kanem-Bornu, Dagbon, Agadez, Wadai, Fouta Djallon, Fouta Toro, Sokoto, Toukoulou e Wassoulou. Como Turner bem indica: “*There began the central themes of signification, separatism, and identity for black people in Islam in premodern times.*”⁵⁵ Ou seja, para entender a formação dos movimentos proto-

⁵³ Disponível em: <https://www.businessinsider.com/mansa-musa-the-richest-person-in-history-2016-2> Acesso em: 5 de junho 2023.

⁵⁴ BRIGGS, op. cit., p.93

⁵⁵ TURNER, op. cit., p.13 Tradução Livre: “Lá começaram os temas centrais de significação, separatismo e identidade para os negros no Islã em tempos pré-modernos.”

islâmicos modernos, é preciso voltar no tempo e compreender a relação entre *Islam* e África; o desenvolvimento da religião na parte ocidental do continente; a riqueza econômica e cultural dos impérios muçulmanos na África Ocidental; a participação de personagens históricos negros na vida do Profeta; e, claro, a interpretação das *surahs*.

1.2 As incompatibilidades entre o *Islam* e a NOI

Antes de discorrer sobre a transição espiritual de Malcolm X, que passou de ativista da NOI para muçulmano ortodoxo, é necessário entender alguns pontos centrais do movimento proto-islâmico e do *Islam*, para estabelecer as diferenças entre eles e compreender como esses dois movimentos são incompatíveis entre si.

Uma das principais influências para a formação desses grupos nacionalistas proto-islâmicos foram intelectuais negros caribenhos e norte-americanos do século XIX, que já enxergavam o *Islam* como uma alternativa ao Cristianismo, associado muitas vezes à supremacia branca. Edward Wilmot Blyden foi o principal intelectual a enxergar o *Islam* na África Ocidental como o paradigma para o separatismo racial e significação em sua ideologia panafricanista. Sobre a influência do pensamento de Blyden, Manning diz:

“Em seu clássico tratado de 1888, *Christianity, Islam and the Negro Race*, ele afirmava que o cristianismo, apesar de ter suas origens no Oriente Médio, transformara-se numa religião distintamente europeia, que era discriminatória e opressiva. Insistia em dizer que, entre as grandes religiões do mundo, apenas o Islã permitia que os africanos preservassem suas tradições com integridade.”⁵⁶

Discorrendo sobre a importância do pensamento panafricano nos grupos nacionalistas pretos, Richard Brent Turner diz:

*“It is impossible to understand fully the transition between the “old Islam” of the original African Muslim slaves and the “new American Islam” of the early twentieth century without giving some attention to nineteenth century Pan-Africanism, which formed the ideological bridge between these two phases of Islam in the United States.”*⁵⁷

⁵⁶ *Ibidem*. p.97

⁵⁷ TURNER, op. cit., p.47 Tradução Livre: “É impossível entender completamente a transição entre o “velho Islã” dos escravos muçulmanos originários da África e o “novo Islã americano” do início do século XX sem dar alguma atenção ao panafricanismo do século XIX, que formou a ponte ideológica entre essas duas fases do Islã nos Estados Unidos.”

A ideologia panafricana servia de modelo a esses grupos pois oferecia “*a movement toward economic cooperation, cultural awareness, and international political solidarity among people of African descent*”⁵⁸. Em 1850, Blyden foi encorajado por John Knox - um protestante americano, que o havia educado e orientado - a imigrar para a Libéria com o apoio da *American Colonization Society*. Foi lá que Blyden se estabeleceu, formou a sua família e começou a trabalhar como jornalista, defendendo a unidade dos africanos e uma política “de volta à África”. Tendo passado por países da África Ocidental como Libéria, Serra Leoa e Nigéria, em 1860 e 1870, Blyden ficou impressionado com o nível de aprendizagem dos muçulmanos africanos e pela capacidade do *Islam* de unificar os povos africanos.⁵⁹ Apesar de ter sido um presbiteriano, sua experiência nesses países o fez concluir que a falta de preconceito racial do *Islam* e a doutrina de fraternidade tornavam a religião mais apropriada para pessoas de ascendência africana do que o cristianismo.⁶⁰ Além disso, Blyden argumentava que o *Islam* havia se estabelecido na África Ocidental por outros africanos, ao contrário do Cristianismo que havia sido introduzido por forças coloniais estrangeiras. Apesar de valorizar o *Islam* em seus discursos, Blyden tinha muitas vezes uma postura negativa a respeito das religiões tradicionais africanas.⁶¹ Discutindo sobre o *Quran* e a capacidade do *Islam* enquanto religião unificadora dos povos africanos, Blyden diz:

“*The Koran is, in its measure, an important educator. It exerts among a primitive people a wonderful influence. It has furnished to the adherents of its teachings in Africa a ground of union which has contributed vastly to their progress. Hausas, Foulahs, Mandingoes, Soosoos, Akus, can all read the same books and mingle in worship together, and there is to all one common authority and one ultimate umpirage. They are united by a common religious sentiment, by a common antagonism to Paganism.*”⁶²

⁵⁸ *Ibidem*. p.50 Tradução Livre: “um movimento em direção à cooperação econômica, consciência cultural e solidariedade política internacional entre pessoas de ascendência africana.”

⁵⁹ *Ibidem*. p.51

⁶⁰ *Ibidem*. p.52

⁶¹ Para análises sobre os discursos de Edward Blyden ver a dissertação “*Redenção da África: a libertação e elevação da raça africana*”: os primeiros discursos de Edward W. Blyden e o estabelecimento da Libéria (1856 - 1871)” (SOUZA, 2020).

⁶² BLYDEN, Edward Wilmot. *Christianity, Islam and the Negro Race*. Black Classic Press, 1994. Tradução Livre: “O Corão é, em sua medida, um importante educador. Exerce entre um povo primitivo uma influência maravilhosa. Ele forneceu aos adeptos de seus ensinamentos na África um terreno de união que contribuiu muito para o seu progresso. Hausas, Foulahs, Mandingos, Soosoos, Akus, todos podem ler os mesmos livros e se misturar em adoração juntos, e há para todos uma

Considerado por muitos como o “pai do panafricanismo”, Blyden teve uma grande contribuição para a formação de grupos nacionalistas negros, especialmente a *Nation of Islam*. Como Turner diz:

*“Moreover, the new American Islam was deeply influenced by racism in America, by the Pan-African political movements of African Americans in the early twentieth century, and by the historic patterns of racial separation in Islam.”*⁶³

Apesar das obras e discursos de Blyden conterem muitas vezes propagandas e agendas missionárias, assim como uma crítica exacerbada às tradições religiosas africanas, foi a sua crítica ao cristianismo como uma religião europeia que rebaixava os afro-americanos - e os ensinava a negar sua própria herança racial - que o fez influenciar grupos como a NOI. Nesse sentido, é evidente que o panafricanismo de Blyden e de Garvey influenciaram em muito a formação de grupos proto-islâmicos, mas o que de fato inspirou esses movimentos foi o próprio *Islam* e sua relação intrínseca com a África e a história negra. Todavia, esses grupos não tinham uma interpretação fidedigna do *Islam* e seus líderes pouco sabiam a respeito da religião. O que eles fizeram foi uma tradução simbólica daqueles tempos em que os afro-americanos estavam inseridos e que tinha como base o *Islam*. Sherman Jackson em *Islam and the Blackamerican*⁶⁴ resume bem essa ideia ao dizer:

*“For my purposes, however, it is important to recognize that these men were not interpreting as much Islam as they were appropriating it. There was little or no attention devoted to the manner in which previous Muslim communities had understood or practiced Islam. (...) In fact, there is little evidence that Noble Drew Ali or Elijah Muhammad knew much at all about Islamic doctrine. Rather, these men were appealing to Islam as a means of raising the concerns and spirit of Black Religion to a new level of respectability among Blackamericans, just as Christianity had facilitated the appeal to white America in earlier times.”*⁶⁵

autoridade comum e uma arbitragem final. Eles estão unidos por um sentimento religioso comum, por um antagonismo comum ao paganismo.”

⁶³ TURNER, op. cit., p.47 Tradução Livre: “Além disso, o novo Islã americano foi profundamente influenciado pelo Racismo na América, pelos movimentos políticos panafricanos dos afro-americanos no início do século XX e pelos padrões históricos de separação racial no Islã.”

⁶⁴ JACKSON, Sherman A. *Islam and the Blackamerican Looking Toward the Third Resurrection*. Oxford University Press, 2005.

⁶⁵ *Ibidem*. p.43-44 Tradução Livre: “Para os meus propósitos, no entanto, é importante reconhecer que esses homens não estavam interpretando tanto o Islã quanto estavam se apropriando dele. Havia pouca ou nenhuma atenção dedicada à maneira pela qual as comunidades muçulmanas anteriores tinham entendido ou praticado o Islã. (...) Na verdade, há pouca evidência de que o Noble Drew Ali ou Elijah Muhammad sabiam muito sobre a doutrina islâmica. Em vez disso, esses homens estavam

Assim, apesar de terem o *Islam* como base de seus ensinamentos, esses grupos pouco ou nada tinham a oferecer no que diz respeito à ortodoxia islâmica. Nesse sentido, mesmo tendo o *Islam* como sua principal influência, grupos como a NOI não podem ser compreendidos a partir do mundo das tradições.

Vale salientar que o primeiro grupo nacionalista negro a incorporar o *Islam* aos seus ensinamentos foi o *Moorish Science Temple of America* (MST), fundado por Noble Drew Ali, no início do século XX. A premissa desse grupo era de que os afro-americanos são descendentes dos "mourros" por nacionalidade, e muçulmanos pela fé. Ali reunia elementos das principais tradições, mas alegava que o *Islam* e seus ensinamentos são mais benéficos para a salvação terrena. Seu objetivo era desenvolver uma mensagem de transformação pessoal através da educação histórica, orgulho racial e elevação espiritual. Sua doutrina também tinha a intenção de fornecer aos afro-americanos um senso de identidade no mundo e promover o envolvimento cívico. Após a sua morte, em 1929, facções concorrentes se desenvolveram entre as congregações e líderes, dando origem a outros movimentos que pretenderam assumir o protagonismo da luta pela questão racial.

A *Nation of Islam*, que surgiu no dia 4 de julho de 1930, em Detroit, faz parte desse contexto. W.D. Fard, um homem com mais de 50 pseudônimos e com uma vida misteriosa e pouco conhecida, perambulava pelos guetos de Detroit dizendo que tinha vindo de Meca resgatar o homem negro das forças do demônio, o homem branco. Fard ensinava que não havia um criador nos céus; o Deus da tradição Abraâmica seria então um Deus invisível, utilizado para manipular e controlar as massas. Fard pregava que ao invés de procurar por algo que não existe, o homem negro tem que reconhecer em si o único Deus vivo e verdadeiro. Em 1934, após Fard desaparecer sem deixar vestígios, Elijah Muhammad o sucedeu como líder da NOI. Não existem evidências que mostram que Fard se autoproclamava *Allah*, porém, após o seu desaparecimento e com o vácuo deixado, Elijah passou a afirmar que Fard era *Allah* e que ele, Elijah, era seu mensageiro escolhido, tendo

apelando para o Islã como um meio de elevar as preocupações e o espírito da religião negra a um novo nível de respeitabilidade entre os negros americanos, assim como o cristianismo havia facilitado o apelo à América Branca em tempos anteriores.”

compilado os ensinamentos de seu mestre no livro “*Message to the blackman in America*”.⁶⁶

No entanto, é de suma importância destacar que a *Nation of Islam* e o *Moorish Science Temple* se apoiam em muitos pontos da tradição islâmica, mas não podem ser compreendidos à luz do mundo das tradições, pois nada que é de fato tradicional pode ser imitado. A NOI naquele momento se apoiou na doutrina islâmica para fazer uma tradução simbólica daqueles tempos em que os afro-americanos estavam inseridos. Não é a mesma religião que surgiu no ano 610 EC com o Profeta Muhammad ﷺ. Uma simples análise da teologia islâmica, das *surahs* e dos pontos centrais do *Islam* indicam a incompatibilidade entre o *Islam* e os grupos proto-islâmicos. A *Shahada*, o testemunho de fé e um dos cinco pilares do *Islam* diz:

أَشْهَدُ أَنْ لَا إِلَهَ إِلَّا اللَّهُ وَأَشْهَدُ أَنَّ مُحَمَّدًا رَسُولُ اللَّهِ⁶⁷

A *Shahada* declara a crença na unicidade (*Tawhid*) de *Allah* e a aceitação de Muhammad ﷺ como mensageiro de *Allah*. Ou seja, ser muçulmano significa acreditar que *Allah* é único, que ele não tem parceiros, associados, filhos e que jamais se tornou encarnado. Como a *surah* 112 (*Al-Ikhlāṣ*) do *Quran* deixa claro:

قُلْ هُوَ اللَّهُ أَحَدٌ اللَّهُ الصَّمَدُ لَمْ يَلِدْ وَلَمْ يُولَدْ وَلَمْ يَكُنْ لَهُ كُفُوًا أَحَدٌ⁶⁸

No *Islam*, a atribuição de parceiros a *Allah*, *shirk*, é um dos maiores pecados que há, e se alguém morre nesse estado torna-se um pecado imperdoável. O *Quran* (4:36) declara explicitamente:

وَاعْبُدُوا اللَّهَ وَلَا تُشْرِكُوا بِهِ شَيْئًا⁶⁹

Além disso, os muçulmanos acreditam que Muhammad ﷺ tenha sido o "selo" ou o último dos profetas. Reconhecer qualquer pessoa depois de Muhammad

⁶⁶ MUHAMMAD, Elijah. *Message to the blackman in America*. Versão Digital, 1965. Disponível em: <https://newsyllabus.files.wordpress.com/2016/08/message-to-the-blackman-elijah-muhammad.pdf> Acesso em: 03/07/2023

⁶⁷ Tradução livre: “Presto testemunho de que não há divindade além de *Allah*, e presto testemunho de que Muhammad é o Mensageiro de Deus.”

⁶⁸ O *Quran* Sagrado (112) Tradução Helmi Nasr: “Ele é *Allah*, Único. *Allah* é O Solicitado. Não gerou e não foi gerado. E não há ninguém igual a Ele.”

⁶⁹ O *Quran* Sagrado (4:36) Tradução Helmi Nasr: “E adorai a *Allah* e nada Lhe associeis.”

ﷺ como um profeta é negar um dos princípios fundamentais do *Islam*. Como o *Quran* (33:40) diz:

70 مَا كَانَ مُحَمَّدٌ أَبَا أَحَدٍ مِّن رِّجَالِكُمْ وَلَكِن رَّسُولَ اللَّهِ وَخَاتَمَ النَّبِيِّينَ ۚ وَكَانَ اللَّهُ بِكُلِّ شَيْءٍ عَلِيمًا

As principais reivindicações e crenças da *Nation of Islam* e seus seguidores são encontrados no site da *Nation of Islam* no *The Muslim Program*, publicadas semanalmente em cada edição do jornal *The Final Call*. O tópico 12 do *The Muslim Program* diz: “WE BELIEVE that Allah (God) appeared in the Person of Master W. Fard Muhammad, July, 1930; the long-awaited “Messiah” of the Christians and the “Mahdi” of the Muslims.”⁷¹ Além disso, a ideologia racial da NOI também está em desacordo com o *Islam* universal, pois o *Islam*, assim como qualquer outra religião tradicional, não é fechado a um único tipo de grupo ou etnia, sendo uma religião universal aberta a pessoas de todas as raças. Como o *Quran* (49-13) atesta:

يَا أَيُّهَا النَّاسُ إِنَّا خَلَقْنَاكُمْ مِّن ذَكَرٍ وَأُنثَىٰ وَجَعَلْنَاكُمْ شُعُوبًا وَقَبَائِلَ لِتَعَارَفُوا ۚ إِنَّ أَكْرَمَكُمْ عِندَ اللَّهِ أَتْقَاكُمْ ۚ إِنَّ اللَّهَ عَلِيمٌ خَبِيرٌ 72

O próprio Profeta Muhammad ﷺ, em um de seus últimos sermões deixou claro que não existe lugar para segregação e racismo no *Islam* ao dizer:

يا أيها الناس ألا إن ربكم واحد وإن أباكم واحد - ألا لا فضل لعربي على أعجمي ولا لعجمي على عربي ولا لأحمر على أسود ولا أسود على أحمر إلا بالتقوى 73

Portanto, fica claro que, apesar do seu nome e de se chamarem de muçulmanos, as crenças da “*Nation of Islam*” sobre *Allah*, a missão profética e as questões raciais por eles defendidas são visivelmente incompatíveis com o *Islam*,

⁷⁰ O *Quran* Sagrado (33:40) Tradução Helmi Nasr: “Muhammad não é pai de nenhum de vossos homens, mas o Mensageiro de Allah e o selo dos Profetas. E *Allah*, de todas as cousas, é Onisciente.”

⁷¹ Tradução livre: “ACREDITAMOS que *Allah* (Deus) apareceu na pessoa do Mestre W. Fard Muhammad, julho de 1930; o tão esperado “Messias” dos cristãos e o “Mahdi” dos muçulmanos.” Disponível em: <https://3cff2261c.nxcli.net/muslim-program/>. Acesso em: 24 maio 2023.

⁷² O *Quran* Sagrado (49:13) Tradução Helmi Nasr: “Ó homens! Por certo, Nós vos criamos de um varão e de uma varoa, e vos fizemos como nações e tribos, para que vos conheçais uns aos outros. Por certo, o mais honrado de vós, perante *Allah* é o mais piedoso. Por certo, *Allah* é Onisciente, Conhecedor.”

⁷³ Diz respeito a uma *hadith* autêntica, isto é, um registo escrito de relatos do Profeta Muhammad, reportado por uma cadeia de narradores, de valor jurídico e religioso. Foi documentado por Musnad Ahmad (Hadith 22978). Tradução livre: “Ó povo! Em verdade, seu Senhor é um e seu pai é um. Todos vocês pertencem a uma ancestralidade de Adão e Adão foi criado a partir do barro. Não há superioridade para um árabe sobre um não-árabe e para um não-árabe sobre um árabe; nem para o branco sobre o preto nem para o preto sobre o branco, exceto em piedade. Verdadeiramente o mais nobre entre vós é aquele que é o mais piedoso.”

mas não impediram que Malcolm adotasse esses ideais no início da sua luta contra o sistema.

Capítulo 2. De Malcolm X para el-Hajj Malik el-Shabazz

Durante os anos 1950 e 1960, Malcolm X foi o principal porta-voz da NOI e conseqüentemente um dos grandes responsáveis pela popularização e crescimento econômico do movimento.⁷⁴ Ele organizou templos, fundou o jornal *Muhammad Speaks* e liderou o Temple No. 7 no Harlem, em Nova York, um dos principais templos da NOI nos EUA. Elijah Muhammad o havia nomeado representante nacional da *Nation of Islam*, a segunda posição mais poderosa na NOI. Todavia, como já exposto na introdução, a relação entre Elijah e Malcolm - que antes era como de pai e filho - passou a se deteriorar cada vez mais, principalmente por questões políticas.

No final dos anos 1950, vendo a ascensão e o sucesso das lutas pelos direitos civis, especialmente no sul dos Estados Unidos, Malcolm X passou a compreender que havia a necessidade de adotar um discurso político de integração vinculado aos movimentos dos direitos civis, algo que ia totalmente contra a posição da NOI. Discorrendo sobre como a posição da NOI era vista pelas comunidades negras, Marable diz:

“Os êxitos do movimento pelos direitos civis tinham dado ousadia às comunidades negras dos Estados Unidos e feito a plataforma antiativista e não intervencionista da NOI parecer defasada, ou, pior ainda, atrasada.”⁷⁵

O movimento proto-islâmico continuava a manter sua posição apolítica, apesar da perda de espaço, influência e das críticas da população branca e dos negros integracionistas do sul. Sobre a mudança gradual de pensamento de Malcolm e a perda de espaço do discurso de separatismo racial da NOI, Marable diz:

“Enquanto a Nação do Islã estava praticamente sozinha em seu repúdio à ação direta, muitos líderes negros, incluindo Malcolm, eram seduzidos pelos ideais e êxitos de revolucionários do Terceiro Mundo.”⁷⁶

⁷⁴ No auge da NOI, havia mais de 50 mesquitas espalhadas por 24 estados, estações de rádio padarias, lavanderias, restaurantes, terras agrícolas, gado, lojas de joias, barbearias, supermercados etc. Para compreender a história e o desenvolvimento da NOI ver “*The black muslims in America.*” de Eric C. Lincoln.

⁷⁵ MARABLE, op. cit., p. 244

⁷⁶ Ibidem. p.178

Um dos eventos que desgastou muito esta relação foi uma reunião secreta em janeiro de 1961 entre a NOI e membros da Ku Klux Klan. Como ambos os grupos defendiam a separação das raças, Elijah entendia que a Klan poderia ajudar a NOI a garantir um grande lote de terra na Geórgia para funcionar como uma colônia totalmente negra⁷⁷. Pouco tempo depois, em junho do mesmo ano, dez membros do Partido Nazista Americano, dentre eles seu fundador, George Lincoln Rockwell, compareceram a um comício da *Nation of Islam* em Washington, DC, a convite de Elijah Muhammad. O antissemitismo e a divisão entre as raças eram fatores que poderiam unir os dois grupos a colaborarem entre si. Apesar de Malcolm estar em uma posição ameaçada dentro da NOI e de ser incapaz de desafiar abertamente Elijah Muhammad, esses dois eventos incomodaram muito Malcolm e o colocaram num beco sem saída. Como Marable diz:

“Fosse qual fosse a sua opinião sobre a utilidade de Rockwell para a Nação, ele sabia que aquela aparição serviria apenas para prejudicá-lo perante os líderes negros que recentemente haviam demonstrado interesse por uma aproximação”.⁷⁸

Com o passar do tempo, Malcolm abordava em seus discursos cada vez menos aspectos religiosos da teologia da NOI, buscando tratar das questões reais inerentes à condição do negro nos EUA. A mudança de postura em seu discurso e o cessamento no que dizia respeito à crítica ao integralismo incomodaram bastante a Elijah, que logo o proibiu de tratar de determinados assuntos que poderiam prejudicar economicamente a NOI e atrair mais problemas com o FBI. Referente a esse momento de tensão, Marable diz:

“A NOI era um movimento religioso, não uma causa política; Malcolm a partir de então não tinha mais autoridade para abordar assuntos como o do Estado negro separado ou para falar de tópicos do momento de natureza política, a não ser com permissão de Muhammad. Mas é claro que, apesar disso, qualquer discussão sobre assuntos relativos aos afro-americanos inevitavelmente giraria em torno da questão dos direitos civis; Muhammad tornava a posição de Malcolm insustentável.”

Outro evento que contribuiu em muito para a deterioração dessa relação foi a morte de Ronald Stokes - amigo pessoal de Malcolm e membro da NOI - pela polícia e a posição neutra que Elijah tomou. Malcolm explodiu ao ouvir a notícia

⁷⁷ *Ibidem.* p.204

⁷⁸ *Ibidem.* p.228

da morte de seu amigo Stokes, e de Nova York ele reuniu soldados do *Fruit of Islam* (FOI), grupo paramilitar da NOI, para uma retaliação em Los Angeles, algo que foi prontamente negado por Elijah, segundo o qual qualquer resposta com violência iria prejudicar a *Nation of Islam*. Malcolm ouviu, mas se irritou com as ordens de seu líder e sua interpretação dos eventos que levaram à morte de Stokes. “O assassinato de Stokes assinalou o término da primeira fase da carreira de Malcolm dentro da NOI. Ele se convencera de que a posição passiva de Elijah Muhammad era injustificável”.⁷⁹

Somado a isso, e por ter uma posição que muitos desejavam ocupar, Malcolm nunca contou com a confiança de alguns dos principais representantes da NOI e de membros da família de Elijah Muhammad. A atenção que a mídia dava a Malcolm fazia com que ele fosse visto por esse grupo com inveja e desconfiança:

“A maior parte da família de Muhammad e do secretariado de Chicago se opunha a Malcolm por duas razões básicas. Em primeiro lugar, estavam convencidos de que ele cobiçava a posição de Muhammad: que, quando Elijah não pudesse mais, ou morresse, Malcolm facilmente assumiria o comando. Os benefícios materiais de que gozavam por constituírem a “família real” acabariam abruptamente. Mas igualmente importante era a segunda razão: a política militante de Malcolm em 1962-3 representava um rompimento radical com o nacionalismo negro apolítico da Nação do Islã.”⁸⁰

Além disso, circulavam rumores de que Elijah estava tendo relações extraconjugais com algumas secretárias da NOI – inclusive com Evelyn Williams, uma integrante da NOI com quem Malcolm havia tido um relacionamento por muito tempo e com quem ele iria se casar antes de Betty - uma grave violação dentro dos ensinamentos do grupo. Num primeiro momento, Malcolm chegou a desconfiar e descartar esses rumores, mas não teve mais como ignorá-los após confirmar os fatos com o filho de Elijah, Wallace, e com as secretárias que haviam feito as acusações. As transgressões sexuais de seu líder abalaram muito Malcolm, pois ele jamais pensaria que seu mestre usaria de sua posição para abusar sexualmente de mulheres. Além disso, ficou sabendo que Elijah o rebaixava perante a outras pessoas:

⁷⁹ *Ibidem.* p.238

⁸⁰ *Ibidem.* p.318

“Fui conversar com três das antigas secretárias pessoais do Sr. Muhammad. De seus próprios lábios, ouvi o relato de quem era o pai dos filhos delas. E de seus próprios lábios soube também que Elijah Muhammad lhes dissera que eu era o melhor e o maior de todos os ministros que já tivera, mas que algum dia iria deixá-lo, virar-me contra ele... e por isso era "perigoso". Soube por essas ex-secretárias que o Sr. Muhammad, enquanto me elogiava pela frente, por trás estava tentando me destruir.”⁸¹

Apesar de tudo isso, Malcolm continuava leal à Elijah e o rompimento total entre eles só viria a ocorrer após os comentários de Malcolm X sobre a morte do então presidente John F. Kennedy, em 22 de novembro de 1963. Vale repetir essa fala, que apareceu na introdução deste trabalho: ele disse que era um caso de “galinhas voltando para o poleiro”, e acrescentou que “galinhas voltando para o poleiro nunca me deixaram triste; elas sempre me fizeram feliz.”⁸² Os comentários provocaram protestos públicos generalizados. A NOI havia enviado uma mensagem de condolências à família Kennedy e ordenou que seus ministros não comentassem o assassinato, o que foi ignorado por Malcolm, que foi censurado publicamente. Malcolm X foi suspenso por 90 dias e teve sua posição e seu posto como ministro revogada, situação que, por outro lado, deixou seus inimigos da NOI e membros da família de Elijah muito satisfeitos.⁸³

Por ser completamente dependente da NOI em termos financeiros – inclusive, para manter sua família –, Malcolm tentou diversas vezes obter sua reintegração junto à Elijah, mas tinha sempre seu pedido negado. Sobre isso Marable diz:

“A questão que Malcolm agora tinha diante de si era saber o que aconteceria se tudo isso lhe fosse tirado. Que assistência financeira poderia dar a Betty e às meninas? Ele não tinha praticamente nenhuma poupança, nem seguro. Até tomara providências para que os futuros royalties que receberia do livro fossem destinados à Nação. Sua fé na seita tinha sido completa e incondicional, não lhe deixando alternativa, ou rota de fuga, se ela se mostrasse equivocada. Foi essa posição de vulnerabilidade que obrigou Malcolm a suplicar a Muhammad que permitisse sua reintegração, qualquer que fosse o cargo.”⁸⁴

⁸¹ HALEY, op. cit., p. 283

⁸² Disponível no site <https://www.nytimes.com/1963/12/02/archives/malcolm-x-scores-us-and-kennedy-likens-slaying-to-chickens-coming.html>.

⁸³ MARABLE, op. cit., p. 307

⁸⁴ *Ibidem*. p. 316

Malcolm finalmente tinha chegado à conclusão de que não havia nada que ele pudesse fazer para que Elijah o aceitasse de volta a NOI, e em 1964 decidiu romper com o grupo acusando-o de impedir sua independência política e sua participação na luta pelos direitos civis. Ao romper com a NOI, Malcolm fundou sua própria organização, a *Muslim Mosque Incorporated* (MMI), formada inicialmente por dissidentes da *Nation of Islam*. É importante destacar que apesar do rompimento com a seita, Malcolm em um primeiro momento ainda tinha dificuldade de criticar seu antigo líder e o seu grupo. Além disso, para evitar confrontos com membros da NOI, ele era bem reservado no que dizia respeito a criticar a organização, os seus ensinamentos e o seu líder. Sobre isso, Marable diz:

“Apesar de tudo que viera a público, ele sentia uma persistente lealdade para com o homem que, mais do que qualquer outro em sua vida, desempenhara o papel de pai, e respondeu reafirmando sua fidelidade espiritual e ideológica ao Mensageiro. Afirmou, sem hesitação, que tudo que sabia era “resultado da obra de Elijah”. Para conciliar essa declaração e o rompimento com a Nação, explicou que somente se estabelecendo como força independente poderia pôr em ação os ensinamentos de Muhammad.”⁸⁵

Dentro desse contexto, o rompimento de Malcolm com a NOI representava acima de tudo uma nova fase, em que teria como principal ponto de embate a sua fé e o programa religioso defendido pelo grupo. Esse momento inicia uma transição espiritual, na qual Malcolm passa a se aproximar do *Islam* ortodoxo, forçando a uma reavaliação de vários dogmas estabelecidos por Elijah Muhammad e a NOI.

2.1 Malcolm X vai a Meca

Logo após a ruptura com a NOI, Malcolm viu no *Islam* ortodoxo uma base espiritual para o momento que estava passando e entendeu que aquela era a oportunidade perfeita para realizar o *Hajj* e visitar o Oriente Médio e a África. Além disso, a viagem serviria de “trégua” e de afastamento dos embates com os membros da NOI. É importante destacar que aquela não foi a primeira viagem que Malcolm realizou ao exterior, já que em 1959 ele havia visitado Gana, Sudão, Nigéria, Irã, Síria e Egito.

⁸⁵ *Ibidem*. p. 337

Durante seu período como ministro da NOI, Malcolm já havia tido diversos encontros com muçulmanos ortodoxos, principalmente estudantes universitários provenientes de países do Oriente Médio e da África, que o questionavam a respeito da doutrina do grupo proto-islâmico.

“Diziam-me que, apesar das minhas acusações aos brancos, achavam que eu estava sendo sincero ao considerar-me um muçulmano... e que se conhecesse o que chamavam de "verdadeiro Islã", iria "compreendê-lo e adotá-lo". Automaticamente, como um seguidor de Elijah Muhammad, eu me empertigava ao ouvir tal declaração. Mas na intimidade dos meus próprios pensamentos, depois de várias experiências assim, passei a interrogar-me: se alguém era sincero ao professar uma religião, por que deveria esquivar-se a ampliar seus conhecimentos dessa religião?”⁸⁶

Dentre os encontros que Malcolm X teve com muçulmanos ortodoxos antes de sua conversão ao *Islam*, um dos mais importantes foi com Ahmed Osman, um estudante sudanês que durante uma palestra em 1962 o contestou durante uma sessão de perguntas e respostas. Eles mantiveram contato após esse primeiro encontro e desenvolveram uma forte amizade, e Osman acabou se tornando uma das pessoas mais influentes na vida de Malcolm X, tendo sido um de seus guias espirituais - organizou seu *Hajj* para Meca e depois o seu funeral, a partir de princípios islâmicos.⁸⁷

Outro importante encontro foi com Mahmoud Shawarbi, que Malcolm X menciona em sua autobiografia como aquele que lhe ensinou o *Islam* autêntico e o acompanhou em sua transição para o *Islam* sunita. Ele também prestou homenagem ao Dr. Shawarbi por ter permitido que ele fizesse sua peregrinação a Meca e por ter aberto muitas portas para ele no mundo muçulmano. Na verdade, foi ele quem fez a conversão oficial de Malcolm X ao *Islam*, fornecendo-lhe uma carta de aprovação para realizar o *Hajj* e colocando-o em contato com várias personalidades no mundo muçulmano, como Abdul Rahman Azzam, 1º Secretário Geral da Liga Árabe.

Malcolm partiu assim para sua viagem ao exterior, que teria escalas em Lagos, Acra, Argel, Cairo, Jidá e Cartum, em 13 de abril de 1964. Malcolm X embarcou para realizar o *Hajj* como Malik el-Shabazz, nome que já utilizava desde

⁸⁶ HALEY, op. cit., p. 302

⁸⁷ Ver o documentário “*Malcolm X and the Sudanese*” Direção: Sophie Schrago.

a época da *Nation of Islam*, e voltou para os EUA como el-Hajj Malik el-Shabazz, demarcando que ele havia realizado o *Hajj*. Sobre o significado de acrescentar Hajj ao nome, Mota diz: “Quando o termo hajj antecede o nome de uma pessoa, como em el-Hajj Omar, isso significa que essa pessoa já realizou essa peregrinação”⁸⁸. Nesse sentido, essa viagem marca a jornada pessoal e espiritual de Malcolm, e seu ingresso formal na *Ummah*⁸⁹, quando ele abandona as antigas doutrinas da NOI ao entrar em contato com o *Islam* tradicional.

Ao realizar o *Hajj*, Malcolm estava participando de um evento que remonta há mais de 1300 anos e que milhões de muçulmanos realizam todos os anos. O princípio fundamental do *Hajj* – um dos cinco pilares do *Islam* – é realizar a circundação à Caaba, uma representação que remonta a *Ibrahim* (Abraão), *Hagar* (Agar) e *Ismail* (Ismael). Martin Lings, em “*Muhammad a Vida do Profeta do Islã Segundo as Fontes Mais Antigas*”⁹⁰, explica a história e o significado da peregrinação.

“O Corão relata que Deus lhe mostrou o local exato, perto do poço de Zamzam, onde ele e Ismael deveriam construir um santuário, e que também os instruiu sobre como edificá-lo. O seu nome, Caaba (Ka'bah), "cubo" em árabe, referia-se à sua forma aproximada, cujos cantos são orientados na direção dos quatro pontos cardeais. (...) Quando o santuário foi terminado, Deus falou novamente a Abraão e ordenou-lhe que instituísse o rito da Peregrinação a Beca ou, como passou a ser chamada, Meca.”⁹¹

Ao peregrinar, Malcolm percebeu que seus irmãos e irmãs do *Islam* eram pessoas de todas as nacionalidades, etnias e classes sociais, algo muito diferente daquilo que ele pregava e acreditava enquanto membro da NOI. Durante a sua viagem para o Oriente Médio e a África, Malcolm escreveu 3 importantes cartas, na Arábia Saudita, Nigéria e Gana, endereçadas a diversas pessoas, incluindo sua esposa Betty, sua irmã Ella, o filho de Elijah Muhammad, Wallace, e seus assistentes. Essas cartas revelam uma profunda mudança de pensamento naquilo que dizia respeito à sua posição sobre o *Islam*, sobre os brancos e sobre a luta à qual os afro-americanos deveriam se debruçar. Em Jidá, no dia 20 de abril de 1964,

⁸⁸ MOTA, op. cit., p.190

⁸⁹ Ummah, significa “nação”, “comunidade”. É um termo que no *Islam* se refere à comunidade constituída por todos os muçulmanos do mundo.

⁹⁰ LINGS, Martin. *Muhammad: “A vida do Profeta do Islam segundo as fontes mais antigas”*. São Paulo: Attar, 2010

⁹¹ LINGS, op. cit., p.16

discorrendo sobre sua nova visão da humanidade foi transformada, e como ele via que o *Islam* Islã poderia unir muçulmanos de todas as raças e nacionalidades e curar o problema do racismo, ele escreveu:

“Nunca testemunhei hospitalidade tão sincera nem tão completo espírito de fraternidade verdadeira como vivenciei entre pessoas de todas as cores e raças aqui nesta antiga terra sagrada, casa de Abraão, de Muhammad e de todos os outros profetas das Sagradas Escrituras. Na semana passada, fiquei totalmente sem palavras e encantado com a bondade que vejo demonstrada ao meu redor, de pessoas de todas as cores. (...) Havia dezenas de milhares de peregrinos de todo o mundo. Eles eram de todas as cores, de loiros de olhos azuis a africanos de pele preta, mas estavam todos participando do mesmo ritual e demonstrando tal espírito de unidade e fraternidade que minhas experiências na América jamais me permitiriam acreditar que existisse entre brancos e não brancos. A América precisa entender o Islã, porque essa é a única religião que elimina o problema racial em sua sociedade. Durante minhas viagens pelo mundo muçulmano, conheci, conversei e até comi com pessoas que seriam consideradas “brancas” na América, mas a religião do Islã no coração removeu o “branco” da mente delas. Elas praticam a fraternidade sincera e verdadeira para com outras pessoas, independentemente de sua cor. Antes que a América se deixe destruir pelo “câncer do racismo”, deveria se familiarizar melhor com a filosofia religiosa do Islã, religião que conseguiu incluir pessoas de todas as cores em uma vasta família, uma nação ou irmandade islâmica que supera todos os “obstáculos” e se estende por quase todos os países do Oriente desta Terra. Tanto os brancos quanto os não brancos que aceitam o verdadeiro Islã se tornam pessoas mudadas. Comi do mesmo prato com pessoas cujos olhos eram do azul mais azul, cujos cabelos eram do loiro mais loiro e cuja pele era do branco mais branco que existe ao longo de todo o caminho do Cairo a Jidá e até mesmo na própria Cidade Sagrada de Meca. E eu senti, nas palavras e atos desses muçulmanos “brancos”, a mesma sinceridade que senti entre os muçulmanos africanos da Nigéria, do Sudão e de Gana. O verdadeiro Islã extingue o racismo, porque pessoas de todas as cores e raças que aceitam seus princípios religiosos e se curvam ao único Deus, Alá, também aceitam automaticamente umas às outras como irmãos e irmãs, independentemente das diferenças de cor da pele.”⁹²

Em uma outra carta, escrita no dia 25 de abril de 1964⁹³, quando completou o *Hajj*, ele repete muito daquilo que havia na carta anterior, o que mostra a sua sinceridade e convicção com os novos ensinamentos do *Islam*:

⁹² X, Malcom. “*Malcolm X Fala: Os discursos do último ano de vida de Malcolm X*” São Paulo: Ubu Editora, 2021. p.90

⁹³ Carta enviada em 25 de abril de 1964. É uma carta escrita à mão por Malcolm X e foi colocada à venda por US\$ 1,25 milhão. A carta, que foi encontrada em um armário de armazenamento, foi

“I very much doubt that 10 American citizens have ever visited Mecca, and I do believe that I might be the first American born Negro to make the actual Hajj itself.”⁹⁴

Sobre sua experiência em Meca, Malcolm disse ter se surpreendido pela fraternidade entre indivíduos de diferentes raças e classes, o que fez reavaliar suas antigas posições e ideologias como membro da NOI. Na mesma carta ele diz:

“Never have I been so highly honored and never had such honor and respect made me feel more humble and unworthy. Who would believe that such blessing could be heaped upon an American Negro!!! (But) in the Muslim World, when one accepts Islam and ceases to be white or Negro, Islam recognizes all men as Men because the people here in Arabia believe that God is One, they believe that all people are also One, and that all our brothers and sisters is One Human Family. I have never before witnessed such sincere hospitality and the practice of true brotherhood as I have seen it here in Arabia. In fact all I have seen and experienced on this pilgrimage as forced me to “re-arrange” much of thoughts pattern and to toss aside some of my previous conclusions.”⁹⁵

Todavia, a parte mais importante da carta é quando ele relata o igualitarismo que agora testemunhava entre os peregrinos de diferentes raças e nacionalidades. Além disso, Malcolm via no *Islam* um poder de transformar brancos em não racistas e como uma solução para o racismo que assolava os EUA. Tudo isso reforçou sua decisão de se afastar completamente da teologia da *Nation of Islam*. E continua:

“There are Muslims here of all colors and from every part of this earth. During the past days here in Mecca (Jeddah, Mina, and Mustaliph) while understanding the rituals of the Hajj, I have eaten from the same plate, drank from the same glass and slept on the same bed or rug – with Kings, potentates and other forms

impressa em papelaria com escrita árabe e tinha ilustrações de locais históricos. Disponível em: <https://momentsintime.com/the-most-remarkable-revelatory-letter-ever-written-by-malcolm-x/#.ViOaoflVhuA>

⁹⁴ Tradução Livre: “Eu duvido muito que 10 cidadãos americanos já tenham visitado Meca, e eu acredito que talvez eu tenha sido o primeiro americano nascido negro para fazer o Hajj.”

⁹⁵ Tradução Livre: Nunca fui tão honrado e nunca tal honra e respeito me fez sentir mais humilde e indigno. Quem acreditaria que tal bênção poderia ser acumulada sobre um negro americano!!! (Mas) no mundo muçulmano, quando se aceita o Islã e deixa de ser branco ou negro, o Islã reconhece todos os homens como homens porque as pessoas aqui na Arábia acreditam que Deus é Um, eles acreditam que todas as pessoas também são Um, e que todos os nossos irmãos e irmãs são Uma Família Humana. Nunca testemunhei tal hospitalidade sincera e a prática da verdadeira fraternidade como a vi aqui na Arábia. Na verdade, tudo o que vi e experimentei nesta peregrinação me forçou a “reorganizar” muitos dos padrões de pensamentos e a descartar algumas das minhas conclusões anteriores.

of rulers – with fellow Muslims whose skin was the whitest of white, whose eyes was the bluest of blue, and whose hair was the blondest of blond – I could look into their blue eyes and see that they regarded me as the same (Brothers), because their faith in One God (Allah) had actually removed “white” from their mind, which automatically changed their attitude and their behavior (towards) people of other colors. Their beliefs in the Oneness as made them so different from American whites that their colors played no part in my mind in my dealing with them. Their sincere To One God and their acceptance of all people as equals makes them (so called “Whites”) also accepted as equals into the brotherhood of Islam along with the non-whites. If white Americans could accept the religion of Islam, if they could accept the Oneness of God (Allah) they too could then sincerely accept the Oneness of Men, and cease to measure others always in terms of their “difference in color”. And with racism now plaguing in America like an incurable cancer all thinking Americans should be more respective to Islam as an already proven solution to the race problem. Now that have visited Mecca and gotten my own personal spiritual path adjusted to where I can better understand the depth of my religion (Islam).”⁹⁶

Essas cartas indicam a profunda mudança de pensamento de Malcolm, especialmente naquilo que dizia respeito ao *Islam*. Essa mudança foi ainda mais reforçada quando ele visitou o continente Africano, principalmente em Gana. Kwame N'krumah, líder revolucionário marxista e responsável pela primeira independência africana em 1957, foi fundamental para a transformação do imaginário político de Malcolm, ao associar o fim do racismo à universalização da Revolução Africana, que era socialista. Após a viagem de Malcolm ao Oriente Médio, sua vivência no Hajj e suas viagens por países do continente Africano, ele passou a ver no *Islam* e nas experiências socialistas e panafricanistas na África uma

⁹⁶ Tradução Livre: “Há muçulmanos aqui de todas as cores e de todas as partes desta terra. Durante os últimos dias aqui em Meca (Jeddah, Mina e Mustaliph) enquanto entendia os rituais do Hajj, eu comi do mesmo prato, bebia do mesmo copo e dormia na mesma cama ou tapete - com Reis, potentados e outras formas de governantes - com companheiros muçulmanos cuja pele era a mais branca do branco, cujos olhos eram os mais azuis, e cujo cabelo era o mais loiro do loiro - eu podia olhar em seus olhos azuis e ver que eles me consideravam como o mesmo (Irmãos), porque sua fé em Deus Único (*Allah*) tinha realmente removido “branco” de sua mente, o que automaticamente mudou sua atitude e seu comportamento (para) pessoas de outras cores. Suas crenças na Unicidade os tornaram tão diferentes dos brancos americanos que suas cores não desempenharam nenhum papel na minha mente ao lidar com eles. Sua sinceridade ao Deus único e sua aceitação de todas as pessoas como iguais os faz (os chamados “brancos”) também serem aceitos como iguais na irmandade do Islã junto com os não-brancos. Se os americanos brancos pudessem aceitar a religião do Islã, se eles pudessem aceitar a Unicidade de Deus (*Allah*), eles também poderiam aceitar sinceramente a Unicidade dos Homens e deixar de medir os outros sempre em termos de sua “diferença de cor”. E com o racismo agora assolando na América como um câncer incurável, todos os americanos que pensam devem ser mais correspondentes ao Islã como uma solução já comprovada para o problema racial. Agora que visitei Meca e consegui ajustar meu próprio caminho espiritual pessoal posso entender melhor a profundidade da minha religião (Islã).”

solução para os problemas do racismo nos EUA. Em 10 de maio de 1964, de Lagos, Nigéria, escreveu uma carta que continha a seguinte afirmação:

“O Alcorão obriga o mundo muçulmano a se posicionar ao lado daqueles cujos direitos humanos estão sendo violados, não importa qual seja a crença religiosa das vítimas. O Islã é uma religião que se preocupa com os direitos humanos de toda a humanidade, independentemente de raça, cor ou credo. O Islã reconhece todo o mundo como parte de uma única família humana.”⁹⁷

Um dia depois, em Acra, Gana, ele confirmou a sua satisfação de estar naquele país e a importância que passava a dar à luta panafricanista:

“Agora que estou em Gana, o nascedouro do pan-africanismo, os últimos dias de minha viagem serão com certeza intensamente interessantes e esclarecedores. (...) é hora de todos os afro-americanos se tornarem parte integrante dos pan-africanistas do mundo; e, mesmo que devamos permanecer na América fisicamente enquanto lutamos pelos benefícios que a Constituição nos garante, devemos “regressar” à África filosófica e culturalmente, implementando uma união de ações no âmbito do pan-africanismo.”⁹⁸

Quando retornou aos EUA, Malcolm admitiu que tinha deixado de lado a teologia da NOI após sua experiência em Meca, afirmando:

“Devido ao renascimento espiritual pelo qual tive a bênção de passar como resultado da minha peregrinação à cidade sagrada de Meca, não concordo mais com acusações generalizadas a uma raça. Minha peregrinação a Meca serviu para me convencer de que talvez os brancos americanos possam se curar do racismo galopante que os consome e que está prestes a destruir este país.”⁹⁹

Seus discursos passavam cada vez mais a colocar o centro da luta antirracista para a África Socialista, enaltecendo as Revoluções Chinesas e Cubanas e estabelecendo a ligação entre opressão racial e capitalismo. De volta aos EUA, forma a *Organization of Afro-American Unity* (OAAU), inspirada pela *Organization of African Unity* (OAU), que tinha como objetivo lutar pelos direitos humanos dos afro-americanos e promover a cooperação entre africanos e afrodescendentes nas Américas. Malcolm compreendia que a luta dos negros nos EUA não era uma questão de direitos civis, mas sim de direitos humanos e, por

⁹⁷ X, op. cit., p. 93

⁹⁸ X, op. cit., p. 94

⁹⁹ X, op. cit., p. 89

conta disso, deveria ser debatida pelas Nações Unidas. Buscando expandir sua nova agenda política, Malcolm fez uma segunda viagem à África de julho a novembro de 1964, visitando chefes de Estado e intelectuais africanos, entrando em contato com a Irmandade Muçulmana no Líbano e no Egito, com a Organização para a Libertação da Palestina, em Gaza.¹⁰⁰ Sobre essa segunda passagem de Malcolm pelo continente africano, Marable escreve:

“Se o Hajj dera a Malcolm oportunidade de apreender a totalidade de sua vida de muçulmano, a segunda viagem à África mergulhou-o num pan-africanismo de base ampla que pôs em relevo seu papel de cidadão negro do mundo.”¹⁰¹

Após o seu rompimento com a *Nation of Islam*, Malcolm passou por mudanças drásticas, tanto na sua identidade religiosa, quanto política. Durante este período, Malcolm estabeleceu o *Islam* ortodoxo multirracial como uma opção para os muçulmanos afro-americanos e explorou as ligações religiosas e culturais entre o *Islam* e suas raízes da África Ocidental. A peregrinação de Malcolm a Meca também mudou sua compreensão teológica sobre a questão racial. Ele não acreditava mais no mito de Yakub da *Nation of Islam*, e agora para ele o racismo seria uma consequência econômica direta e uma política do capitalismo. Nesse sentido, o demônio não era mais a raça branca, e sim o sistema social e político americano que acabava por alimentar e perpetuar o racismo.

¹⁰⁰ MARABLE, op. cit., p.

¹⁰¹ MARABLE, op. cit., p. 402

Considerações finais

Como dito na introdução deste texto, provavelmente não há nenhum muçulmano nascido na América que tenha deixado um legado maior do que Malcolm X. Desde a infância tumultuada no frio e remoto estado de Nebraska, passando por vários lares adotivos até sua prisão aos 20 anos de idade, quando entrou para a *Nation of Islam*, da qual se tornou um de seus principais líderes até o rompimento em 1964, Malcolm X colecionou fama e inimigos.

Foi a partir do rompimento com os radicais da *Nation of Islam*, e da sua conversão ao *Islam* ortodoxo, que encontrou uma base espiritual para essa nova fase da sua conturbada vida e passou a aprender – e compreender – a verdadeira mensagem de *Allah*. E foi a partir da sua peregrinação a Meca que mudou em definitivo as suas concepções sobre o *Islam*, sobre os brancos e sobre a luta em que os americanos, especialmente os afro-americanos, deveriam se engajar.

Como já observado, o *Islam* adotado pela *Nation of Islam* estava em total desacordo com os ensinamentos do *Islam* tradicional. Quando Malcom estava em Meca, testemunhou aquilo que ele afirmava nunca ter visto nos Estados Unidos: homens de todas as cores e nacionalidades tratando uns aos outros igualmente. Na Arábia Saudita, Malcolm ficou profundamente emocionado com aquilo que havia encontrado, o que acabou inspirando-o a escrever as famosas “Cartas do Exterior”, que demonstram a redefinição de sua filosofia. Voltando aos Estados Unidos, ele renunciou publicamente aos ensinamentos da *Nation of Islam* e fundou a OAAU como um veículo para conectar a experiência dos negros americanos ao Terceiro Mundo, e a partir desse momento, passou a entender que o *Islam* e as experiências panafricanas e socialistas poderiam servir como solução para o racismo que assolava os EUA. Refletindo sobre esse período de mudança de pensamento de Malcolm, Turner diz:

“During this period, Malcolm underwent two dramatic changes in his religious identity that became significant models for contemporary African-American Islam. First, Malcolm X established multi-racial orthodox Islam as an option for African-American Muslims. Then, he explored the religious and cultural

*links between African-American Islam and its West African roots.*¹⁰²

Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo contar a trajetória de Malcolm X até a sua conversão ao *Islam*. Mas, para compreender a transição espiritual de Malcolm - que passa de um pensamento separatista baseado em um *Islam* heterodoxo para um que buscava se relacionar com os movimentos pelos direitos civis - não basta apenas analisar apenas seu percurso de vida. É necessário analisar a relação entre o *Islam* e a história negra; o *Islam* na África Ocidental; o *Islam* nas Américas trazidos pelos escravizados; e os movimentos proto-islâmicos do século XX. Tudo isso contribuiu para o processo que fez Malcolm se tornar um muçulmano ortodoxo. Na verdade, é mesmo impossível entender completamente a transição entre o “velho Malcolm X”, membro da NOI e defensor do separatismo, para o “novo el-Hajj Malik el-Shabazz”, muçulmano ortodoxo e simpatizante das experiências socialistas africanas, sem formular as conexões espirituais e políticas entre a América Africana, África Ocidental e a própria história negra no *Islam*.

¹⁰² TURNER, op. cit., p.214 Tradução Livre: “Durante este período, Malcolm passou por duas mudanças dramáticas em sua identidade religiosa que se tornaram modelos significativos para o islamismo afro-americano contemporâneo. Primeiro, Malcolm X estabeleceu o Islã ortodoxo multirracial como uma opção para os muçulmanos afro-americanos. Então, ele explorou as ligações religiosas e culturais entre o Islã afro-americano e suas raízes da África Ocidental.”

Bibliografia

BRIGGS, Mustafa. *Beyond Bilal: Black History in Islam*. [S. l.]: Independently Published, 2022.

BLYDEN, Edward Wilmot. *Christianity, Islam and the Negro Race*. Black Classic Press, 1994.

C. Eric Lincoln. *The Black Muslims in America*. Boston: Beacon Press, 1961

CHARTIER, Roger. *A história hoje: dúvidas, desafios, propostas*. Revista Estudos Históricos, v.7., n.13, p. 97-114, 1994.

DIOUF, Sylviane Anna. *Servants of Allah: African Muslims enslaved in the Americas, 15th anniversary edition*. New York University Press, 2020.

EVANZZ, Karl. *The messenger: the rise and fall of Elijah Muhammad*. Westminster: Pantheon books, 1999.

HALEY, Alex. *Autobiografia de Malcolm X*, São Paulo: Record, 1992.

JACKSON, Sherman A. *Islam and the Blackamerican Looking Toward the Third Resurrection*. Oxford University Press, 2005.

LINGS, Martin. Muhammad: “A vida do Profeta do Islam segundo as fontes mais antigas”. São Paulo: Attar, 2010.

MACEDO, Marcio. *Malcolm X: Uma vida de reinvenções* (Resenha). São Paulo: Sankofa, v. Ano IV, p. 143-150, 2011.

MARABLE, Manning. *Malcolm X – Uma vida de reinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MOTA, Thiago Henrique. *O Islã na África Atlântica: transformações no significado de comportamentos religiosos* (séculos XVI-XVII). In: Lucilene Reginaldo e Roquinaldo Ferreira. (Org.). **África, margens e oceanos: perspectivas de História Social**. 1ed.Campinas: Editora UNICAMP, 2021

MUHAMMAD, Elijah. *Message to the blackman in America*. Versão Digital, 1965. Disponível em: <https://newsyllabus.files.wordpress.com/2016/08/message-to-the-blackman-elijah-muhammad.pdf>

TURNER, Richard. Brent Turner. *Islam in the African-American experience*. Indiana University Press, 1997.

WALID, Dawud. *Blackness and Islam*. Algorithm, 2021.

WIENER, Leo. *Africa and the discovery of America*.

X, Malcom. “*Malcolm X Fala: Os discursos do último ano de vida de Malcolm X*” São Paulo: Ubu Editora, 2021.

Documentário:

“*WHO KILLED MALCOLM X?*” Direção: Rachel Dretzin and Phil Bertelsen.
Produção: Fusion. Estados Unidos: Netflix, 2020

“*Malcolm X and the Sudanese*” Direção: Sophie Schrago. Escrito e produzido por
Hisham Aidi. Produção: VisuaLive. Estados Unidos, 2020.